



SERVIDOR PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

TALIA BALIEIRO DA SILVA

O REDIMENSIONAR PEDAGÓGICO: UMA ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO PÓS-PANDEMIA EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE
ABAETETUBA –PA

ABAETETUBA/PA

2023

TALIA BALIEIRO DA SILVA

O REDIMENSIONAR PEDAGÓGICO: UMA ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO PÓS-PANDEMIA EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE
ABAETETUBA –PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo

ABAETETUBA/PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor(a)

B186r Balieiro da Silva, Talia.

O redimensionar pedagógico: Uma análise sobre o processo de alfabetização pós-pandemia em uma escola no município de Abaetetuba-PA / Talia Balieiro da Silva. — 2023.
72 f.: il. color.

Orientador (a): Prof. Dr. Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2023.

1. Alfabetização. 2. Redimensionar pedagógico. 3.
Consciência Fonológica. I. Título.

CDD 401.93



SERVIDOR PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

Data da apresentação: 20/07/2023

Conceito: Excelente

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo

Prof. Esp. Olidete de Araújo

ABAETETUBA/PA

2023

Dedico esta conquista primeiramente a Deus, que independentemente das circunstâncias sempre esteve ao meu lado, em todos os momentos revestido de fé e gratidão. Dedico aos meus pais, Idevaldo Moreira da Silva, Rosilene Pantoja Balieiro, que em meio aos percalços da vida me proporcionaram trilhar o caminho no qual estou seguindo, as minhas irmãs Tacila Balieiro da Silva que sempre foi, e é uma inspiração, a Talita Balieiro da Silva que esteve presente quando precisei das caronas aleatórias, ao meu irmão Ítalo Balieiro da Silva por dar-me incentivos nesta jornada acadêmica, e a todos os meus familiares e amigos que me apoiaram nessa trajetória repleta de desafios e aprendizagens. Para tanto, obrigada a todos por todo o amor!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me cedido sabedoria e direcionamento no decorrer desta jornada acadêmica, uma vez que, foi um processo árduo e repleto de experiências humanizadoras. Agradeço a Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, bem como, a Faculdade de Educação e Ciências Sociais

Ao meu orientador professor Dr. Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo, por sua disposição em poder contribuir em minha formação acadêmica, por sua paciência e instrução deste trabalho. Pois, ao longo dessa jornada, Dr. Falabelo foi um docente/amigo, no qual sempre obtive um olhar humano e acolhedor desde as suas orientações, até as conversas repletas de sabedoria admirável.

Meu sincero e adorável agradecimento aos meus colegas de trabalho, Débora Pereira da Silva, Erick Fernando F. Ferreira e Luana Braga Brabo que nos momentos difíceis e felizes se fizeram presentes, dando me força e encorajamento, gratidão por termos criado um vínculo repleto de respeito, carinho, admiração e amor.

Agradeço, aos meus pais, Idevaldo Moreira da Silva, Rosilene Pantoja Balieiro, que em meio aos percalços da vida sempre me proporcionaram e me incentivaram seguir adiante nesta jornada chamada vida acadêmica. Dado que, permanecer no caminho da educação é sempre desafiador, logo, o processo dessa formação não foi diferente, sendo assim, escolher trilhar e permanecer nesse percurso possibilitou ampliar os horizontes, literalmente foi um processo dialético de construção, reconstrução com significação, tanto no sentido profissional, quanto no pessoal.

Para tanto, agradeço a todos os meus familiares e amigos que sempre torceram e torcem pelo meu sucesso, e aos demais que contribuíram para que eu permanecesse firme em meus objetivos, podendo assim alcançar o querido diploma. Construir a carreira acadêmica não é fácil requer dedicação, responsabilidade e afetuosidade, e é em meio a essas características que dedico este trabalho de conclusão de curso, deixo lhes aqui o meu muito obrigada por todo carinho, compreensão e amor!

RESUMO: Levando em consideração que a referida escolha deste tema, se deu através das experiências vivenciadas, enquanto bolsista de extensão, na qual se evidenciou uma problemática que vem sendo debatida por diversificadas áreas, bem como, variados profissionais na tentativa de amenizar e/ou compreender a disparidade existente no processo da aquisição da linguagem, isto é, a alfabetização e consequentemente o letramento que vem sendo enfrentado por gerações, porém com poucos sucessos significativos na área. Diante disso, a problemática que acarreta as escolas públicas brasileiras tem em si uma sistematização de déficits os quais são as consequências e barreiras enfrentadas diariamente pela professora no processo de alfabetizar seus alunos (as). Partindo desse pressuposto, que no início do ano de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) comunicava o surgimento de uma doença respiratório provocada pelas SARS-COV-2, isto é, o corona vírus, que ocasionou em uma pandemia. Sendo assim, os alunos\as ficaram afastados do âmbito escolar por volta de dois anos e meio, logo, interferiu diretamente em seu desenvolvimento e aprendizagem, principalmente no eixo da alfabetização houve um retrocesso se tratando da aquisição da leitura e escrita. Á vista disso, é que se faz necessário buscar subsídios afim de compreender esse ensino que tende a ter como resultado a aprendizagem significativa no 1º ano do ensino fundamental. Dessa forma, para dar consistência nas análises se utilizou como embasamento teórico os estudos dos respectivos teóricos como, Lev Vygotsky (1998) para esse autor é importante levar em consideração as singularidades presentes no âmbito escolar, para que assim, o professor desenvolve estratégias de ensino contextualizadas que facilitem a aquisição da linguagem, Magda Soares (1989) que realiza estudos construtivos na área de alfabetização e letramento, que tem por base analisar as relações constituídas entre linguagem, escola e sociedade, Paulo Freire (2002) educador que traz uma perspectiva da autonomia, da transformação do sujeito acerca do seu meio social, Freire é um autor de extrema relevância, pois para ele temos que refletir a respeito da prática do educador, a qual precisa ser pensada, aperfeiçoada, educativa e transformadora, mas para que isso ocorra é necessário que o docente reveja, analise suas didáticas, metodologias. Para tanto, a referida pesquisa tem como objetivo analisar o redimensionar pedagógico da professora mediante o processo de alfabetização pós-pandemia em uma escola no Município de Abaetetuba-PA, tendo em vista, que com o retorno das crianças para o âmbito escolar foi possível constatar uma regressão no desenvolvimento, já que segundo os dados da UNICEF (2020) 99,3% dos alunos da escola pública ficaram sem ter acesso a escolarização; ou seja, não houve evolução sem as experiências de aprendizagem no contexto escolar

Palavras chave: Alfabetização. Consciência Fonológica. Redimensionar Pedagógico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A CONCEPÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	13
2.1. A Construção do Conhecimento na Perspectiva Piagetiana	16
2.2. A Importância da Concepção Vigotskiana no Processo do Ensinar, Aprender e Aprender	18
2.3. O Papel da Escola Diante da Dimensão Cultural e Social do Alunado.....	22
3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA	25
3.1 O Papel da Consciência Fonológica na Aquisição da Leitura e Escrita da Criança.....	28
4. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	34
5. RESULTADOS DA PESQUISA.....	35
5.1 A Escola e o Ensinar Docente.....	36
5.2ºO Acolhimento da Pesquisadora.....	37
5.3. Triade das Inter-relações entre Professora, Alunos e Pais.....	39
5.4. As Peculiaridades da Turma.....	39
5.5. Os desafios da professora no processo de alfabetização pós pandemia.....	40
5.6. O Redimensionar Pedagógico no Processo de Alfabetização.....	49
5.7. Planejamento da Professora Relacionado a Leitura e Escrita.....	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
7.REFERENCIAS BIBLIOGRAFICA.....	64
ANEXOS	
Guia de entrevista.....	66
Fotografias.....	67
Quadros.....	69

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata de uma análise acerca das práticas pedagógicas de uma professora da rede municipal, em uma escola no município de Abaetetuba –PA. Com o tema “O redimensionar pedagógico: uma análise sobre o processo de alfabetização pós – pandemia em uma escola no município de Abaetetuba – PA. Dessa maneira, se buscou analisar a forma como a professora sucedeu sua prática pedagógica diante da disparidade do alfabetizar que emergiu em decorrência do isolamento social, uma vez que, não houve uma aprendizagem de maneira presencial.

O interesse pela temática ocorreu com base nas experiências vivenciadas ao longo da formação acadêmica, isto é, na iniciação científica em 2018/2019 (PIBIC/UFPa), como também no projeto de extensão em 2020 a 2023 (NAVEGA SABERES/PROEX/UFPa), vinculada ao grupo GEPLAES – Grupo de Estudos em Educação, Linguagem, Alfabetização, Emoções e Subjetividade.

Nesse sentido, através da realização das atividades de extensão que ocorreram no período pandêmico da COVID – 19, sendo voltadas para a construção do conhecimento com foco na linguagem (leitura e escrita) dos alunos ligadas aos seus aspectos cognitivos, sociais e culturais, foi que me encontrei instigada em averiguar de que forma o professorado iria traçar estratégias diante da disparidade e dificuldades no processo de alfabetização. Desse modo, se tem como objetivo analisar o redimensionar pedagógico mediante ao processo de alfabetização pós-pandemia em uma escola de Abaetetuba, buscando compreender e identificar as lacunas decorrentes dos impactos da COVID -19 na aprendizagem/desenvolvimento do alunado.

Tendo em vista, que cada ser é único e complexo, dado que somos constituintes de variadas características socioculturais, sendo assim, resultamos em um universo que denomino espectro. Logo, ao tratarmos do processo da prática pedagógica com foco na alfabetização é imprescindível que o educador/a tenha um olhar macro e micro para com a sua própria prática, uma vez que, ela reflete diretamente no progresso dos alunos. Para tanto, “ O momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996.p. 22)

De acordo com autor acima, é fundamental que o educador desenvolva reflexões críticas a respeito da sua prática pedagógica, entretanto, realizar essa tarefa não é fácil, visto que o dinamismo da aprendizagem é repleto de desafios e voltado para a alfabetização pós-pandemia os percalços se intensificam.

Á vista disso, o referido estudo se encontra fundamentado na concepção da prática pedagógica, pois se faz necessário que o professor desenvolva reflexões críticas sobre sua prática, logo, é importante que ele seja um mediador do conhecimento, buscando tornar seus alunos conscientes do seu próprio processo de aprendizagem desencadeando assim, as interligações sobre suas experiências prévias para com as científicas

Dessa maneira, desencadear as potencialidades dos alunos para que assim consigam aprender de forma efetiva, não é uma tarefa fácil, pois há uma sistematização de fatores que influenciam diretamente nesse processo, ou seja, para se obter êxito na alfabetização dos pequeninos há uma demanda que exige precisão, recursos e um ambiente que proporcione uma aprendizagem significativa.

Tendo em vista, que no início do ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) comunicava o surgimento de uma doença respiratório provocada pelas SARS-COV-2, entretanto, não haviam muitas informações sobre a sua gravidade. Acerca disso, o avanço da doença ocorria rapidamente por meio do contato, logo, em 30 de janeiro de 2020 é anunciado o contágio em nível mundial decorrente do Novo Corona Vírus, aspecto que culminou em uma pandemia.

A OMS declarou, em 11 de março de 2020, que a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os Continentes a caracteriza como pandemia. Para contê-la, a OMS recomenda três ações básicas: isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social. (GHEBREYESUS, 2020, s/p.)

Diante do contexto acima, uma das medidas de prevenção consistiam no isolamento social, o que acarretou no fechamento de estabelecimentos. Em vista disso, sociedade perpassou por um período conturbado, fator este que alterou a vida de milhares de Brasileiros em diversificadas esferas sociais, dentre eles, a educacional, uma vez que, o ensino passou a ocorrer de forma remota.

Levando em consideração, que a pandemia da COVID -19 intensificou os desafios dos professores, é necessário levar em conta a importância do referido tema, em razão de evidenciar: “quais as problemáticas mais preocupantes que emergem como consequência do contexto pandêmico? ” Isto posto, com base na concepção teórica, e reflexiva da autora Soares (2016) sobre métodos de alfabetização que orientam fortemente a aquisição da leitura e escrita de forma mecanizada, é essencial analisar quais e como ocorreram as estratégias do redimensionar pedagógico da professora se tratando da alfabetização.

Sendo assim, outro aporte teórico indispensável é o postulado de Braggio (2002) ao realizar críticas no que se refere métodos fônicos e silábicos, englobando características presentes no contexto escolar e utilizados por educadores, ainda que de formas contextualizadas, mas que em virtude de novos paradigmas é preciso averiguar as maneiras metodológicas desenvolvidas pós-pandemia pela professora. Tendo em vista, os percalços ocasionados pela covid-19, os alunos/as do ensino fundamental que se encontram na etapa de alfabetização são um reflexo do quão prejudicial foi o “ensino”.

Assim sendo, este trabalho tem como relevância demonstrar para os profissionais da área educacional, do mundo acadêmico e sociedade em geral, o quão fundamental é o papel social da escola frente as lacunas existentes, e que são um reflexo da COVID – 19, da mesma maneira que demonstra o quanto intensificado foram e são os desafios voltados para a aquisição da linguagem.

Por conseguinte, presume-se que este trabalho tenha uma contribuição profissional e pessoal mediante minhas perspectivas desenvolvidas ao longo da minha trajetória enquanto pesquisadora, e acadêmica, tendo como potencial uma somatória significativa de subsídios que englobam um conhecimento importante para as futuras práticas docentes nos mais diversificados espaços de atuação do profissional pedagogo, permitindo assim, um melhor ensino-aprendizagem para os pequeninos.

Logo, tendo como objetivos específicos a compreensão das relações do processo de ensinar e aprender da professora para com seus alunos, analisando o redimensionar pedagógico voltado para a alfabetização dos alunos com dificuldade, buscando identificar os desafios da prática e pedagógica pós-pandemia no processo de aquisição da linguagem.

Deste modo, a predita metodologia decorre de uma abordagem qualitativa, isto é, os procedimentos realizados para colher os subsídios são: o levantamento bibliográfico, aspecto imprescindível para a fundamentação dos dados, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com a professora regente do 1º ano, afim de compreender sua metodologia/didática ao promover a alfabetização do alunado, as observações em sala de aula, analisando as inter-relações sociais dos participantes e registro fotográfico.

À vista disso, tendo como hipótese do quanto é necessário que a professora tenha reflexões críticas acerca da sua prática pedagógica ao desenvolver novas estratégias de ensino, com ênfase na alfabetização, é fundamental primeiramente que o educador saiba discernir e

correlacionar os métodos de alfabetização (fônicos) para que assim, seja desencadeado novos redimensionar pedagógicos.

Para tanto, a referida pesquisa se encontra dívida em cinco seções, sendo que a segunda consiste nos estudos desenvolvidos por Freire (1996) que aborda questões relacionadas a prática pedagógica, bem como, a importância do professor refletir sobre a mesma, outro autor é a Braggio (1992) que parte de um pressuposto mecanicista ao sociopsicolinguística. Sendo assim, nas sub seções, a qual visa esclarecer a partir dos conceitos dos autores Vygotsky (1988), Fontana (1998), a respeito do papel da escola diante da dimensão social e cultural dos alunos.

A terceira seção “Alfabetização e Letramento” tem por base o documento legal da BNCC, e do autor Barboza o qual parte de um pressuposto do alfabetizar histórico e metodológico evidenciando a importância de um processo de aquisição da linguagem significativo, mas que em contra partida as diretrizes da BNCC se é necessário analisar.

Ainda nesta sub seção, se é utilizado os postulados de Magda Soares (2020), já que seu objeto de estudo envolve o método fônico, o qual é mais utilizado para desencadear o alfabetizar tendo em vista, que o alfabetizar é um conjunto de habilidades. Assim sendo, na quarta seção “Metodologia da Pesquisa” tem por finalidade evidenciar os procedimentos metodológicos acerca do trabalho realizado em campo e em pesquisa bibliográfica.

A quinta seção pressupõe reflexões bibliografias dos autores que embasaram as seções anteriores, bem como o documento que rege os currículos nacionais, isto é a BNCC articulando com os dados obtidos da pesquisa de campo, com o objetivo de verificar como vem se configurando o ensino e a aprendizagem no contexto escolar brasileiro em termos de alfabetização se tratando do período pós-pandêmico que corroborou em grandes déficits e desafios.

Portanto, ampliando as possibilidades de trabalhar no contexto sala de aula com um novo redimensionar pedagógico, de forma significativa, adequando a abordagem fônica com a diversidades de metodologia e estratégias que se encontram interligadas, e não se sobre sai as tradicionais como um todo. Visto que, é em prol do conhecimento de como a criança aprende para traçar caminhos com atividades significativas para que os alunos desenvolverem a sua autonomia, na busca de um aprender e apreender ligados as suas dimensões sociais e culturais. E em síntese, se é finalizado com as considerações finais e as referências.

2. A CONCEPÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O referido capítulo tem como abordagem a prática pedagógica mediante as formas de construção do conhecimento. Tendo em vista, que para Freire (1996) as práticas pedagógicas almejadas em sala de aula, devem obter um senso político, crítico e democrático, sendo assim, o professor deve olhar seu aluno como um indivíduo social, participativo que desenvolva suas contribuições por meio de intervenções no mundo.

Nesse sentido, se sabe que a prática pedagógica é uma das concepções mais discutidas entre os estudiosos, aspecto no qual é o pilar do aprender assimilativo, uma vez que, para se obter êxito na aprendizagem dos pequeninos é necessário que o educador saiba despertar a curiosidade nesses sujeitos por meio de seus métodos educacionais. Mas, para que essa concepção ocorra adequadamente, requer um ambiente favorável, com materiais didáticos/pedagógicos de qualidade, que favoreçam a construção e desmistificação do conhecimento.

Tendo como base as contribuições de Freire no ramo da reflexão crítica do professor sobre sua prática, fator este que é muito pertinente se tratando do momento em que as crianças retornam para o âmbito educacional pós – pandemia, o qual trouxe visibilidade do quanto impactou o desenvolvimento e aprendizagem referente a aquisição da linguagem, ou seja, a leitura e a escrita dos alunos/as nos anos iniciais 1º ano do ensino fundamental.

Logo, é necessário que haja essas mudanças em meio a conduta do educador, pois se tratando da alfabetização vinculada a novos redimensionares é visível os grandes desafios. Em vista disso, a prática pedagógica, perpassou por determinadas modificações ao longo dos anos, dado de que ela se encontra atrelada ao fator histórico, social, ideológico, isto é, estratégias de ensino mecanizadas, monótonas que proporcionavam ao indivíduo uma estagnação acrítica, aspecto no qual ainda se encontra o reflexo de seus resquícios pertinentes e atuais no âmbito educacional no processo do ensinar.

Tendo em vista, que é imprescindível dialogar acerca das estratégias de ensino, em razão da prática pedagógica contribui consideravelmente para o desencadeamento das potencialidades dos alunos. Sendo assim, para Braggio (1992) o redimensionar da prática pedagógica precisa ser desenvolvido acerca das dimensões sociais, isto é da singularidade dos indivíduos, que diante da sua notoriedade é um ser social, ativo e histórico. Dessa forma, para

ocorrer essa valorização, primeiramente é fundamental que o professor/a á princípio tenha uma humana docência compilada na sensibilidade humanizada.

Visto que, realizar a tarefa de mediar didaticamente o conhecimento e o aluno de simplesmente adquiri-lo perpassa por vastos desafios, tais como: a complexidade do planejar, ou seja, o professor/a precisa ter um bom planejamento que se encontre em conformidade com os conhecimentos prévios do alunado, outro fator é desenvolver na prática e ensinar com efetivação os conteúdos elaborados. Sendo que, o aluno precisa ser o ponto chave principal diante das elaborações de estratégias do ensino pensadas pelo professor/a.

Assim sendo, é necessário levar em consideração que não é somente elaborar um excelente planejamento prévio, e que ele vai abranger as dimensões socioculturais, mas é fundamental que o educador/a realize constantemente suas reflexões diante da sua metodologia e didática. Dessa forma, segundo Freire (1996) o professor precisa ser um constante pesquisador mediante as suas ações, e no cotidiano escolar, não é diferente.

Diante disso, a singularidade que cada aluno tem consigo é uma gama de conhecimentos peculiares do seu meio social que precisam ser levados em consideração, essa é uma das estratégias fundamentais que o professor/a deve buscar evidenciar por meio do seu plano de aula. Entretanto, é importante se ter a consciência do quanto o alfabetizar se desdobra para além do aprender a ler e escrever.

Alfabetizar uma criança não é um procedimento simples e ágil, há uma complexidade e um tempo envolvido por trás dele. Tempo esse, que depende de cada um, uma vez que cada ser é único e incomparável, o tempo varia muito de um indivíduo para o outro. Além do tempo há a complexidade, entender letras, aprender a juntá-las, compreender os sons fazer relação entre grafema e fonema, diferenciar o som entre letras, entender um mesmo fonema pode ser emitido por duas letras totalmente diferentes e entre outros aspectos que fazem parte do processo de alfabetização. (FONSECA et.al 2018, p. 03)

Nesse sentido, de acordo com a citação acima, trabalhar a formação do aluno enquanto leitor demanda tempo, paciência, uma mediação perspicaz, conteúdos contextualizados e articulados, principalmente uma boa sistematização do como ensinar, quais as expectativas e objetivos do professor/a relacionadas as atividades por ele desenvolvidas em sala de aula.

Para tanto, outro fator é que o alfabetizar é um espectro singular e complexo, um desafio cercado de responsabilidade, visto que o educador/a não está simplesmente ensinado a criança a decodificar códigos linguísticos como ler e escrever, mas sim, potencializando e alterando suas concepções do que é o mundo, seus significados, suas inter-relações dentre outros.

Desse modo, o educador/a precisa redimensionar suas práticas pedagógicas, a partir de um olhar micro e macro, pois o alfabetizar não necessariamente é aprender a identificar uma vogal, uma consoante, mas sim, assimilar seus micros partículas do ato de ler, isto é, conhecer as letras, seus sons, diferenciar uns dos outros e principalmente compreender seus sentidos. Convenhamos, qual é o sentido de aprender parcialmente determinadas concepções sem ao menos dar um significado para aquilo?

Pois, sem o sentido, sem uma significância conseqüentemente se é esquecido com mais facilidade aquele aprendizado, todavia há a possibilidade de ser lembrado em algum momento, mas com ramificações e não integralmente. Logo, todos esses critérios necessitam que o educador/a tenha uma flexibilidade de persuasão em sua metodologia e didática, visto que, como bem foi abordado, o desempenhar da alfabetização é um procedimento complexo e difícil de encarar justamente por haver as singularidades, a diversidade, e elas devem ser o ponto crucial do planejamento da docência.

Levando em conta as diversas responsabilidades que o educador tem nesse processo de aquisição da linguagem é necessário que haja uma mediação considerável durante as trocas de conhecimento. De acordo com Bock (2007, p.159) “a intervenção de um profissional deve ser vista, acima de tudo, como trabalho, isto é, como emprego de energia de forma intencionada para produzir transformações no meio”.

Compreende as que para o autor, as intervenções pedagógicas quando bem aplicadas no momento do desenvolvimento e aprendizagem do aluno estabelecem transformações imprescindíveis no âmbito escolar, pois ela é um ampliador das potencialidades, bem como, possibilidades do aprender e apreender.

Á vista disso, é fundamental destacar que para adquirir subsídios com o objetivo de desencadear as potencialidades, bem como, amenizar os desafios durante o processo da alfabetização dos pequeninos, é importante se ter a consciência do trabalho colaborativo dos membros que constituem a escola. Sendo assim, a sistematização do aprender quando bem elaborada e aplicada na prática conseqüentemente surti diferenças significativas, não necessariamente se pode sobrepor a responsabilidade integral somente na “ineficácia” da prática pedagógica do professor/a.

Por conseguinte, o corporativo da escola devem proporcionar ações com o intuito de promover o desencadear da leitura e escrita, por meio de projetos que incentivem a participação

das crianças, sendo que é necessário refletir constantemente a respeito das estratégias de ensino, ações que englobam a forma de promover o ensinar, bem como, estar atento para o aprender do aluno.

Dessa forma, se de fato o conteúdo trabalhado em sala de aula foi apreendido, tendo em vista que a cada aprendizado, a cada assimilação de aspectos novos, consequentemente as possibilidades são alargadas, a dialética do aprender precisar estar constantemente interligada aos fatores socioculturais, a materialidade dos indivíduos acerca do desenvolvimento da sua peculiaridade que se encontram durante o alfabetizar da criança.

2.1. A Construção do Conhecimento na Perspectiva Piagetiana

O processo da construção de conhecimento é um dos elementos significativamente estudados por psicólogos e educadores na tentativa de buscar melhorias para a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano, fator este que comporta um universo complexo a ser investigado.

Partindo dos postulados teóricos de Jean Piaget, que foi um psicólogo que durante suas pesquisas buscou compreender a forma como a qual o homem constrói seu conhecimento perpassando por aprimoramentos, fator este especificado por Piaget em sua teoria como os estágios do desenvolvimento, logo ele buscou desvendar como a criança constrói determinadas estruturas cognitivas.

Piaget especifica quatro fatores responsáveis pela psicogênese do intelecto infantil: o fator biológico, particularmente o crescimento orgânico e a maturação do sistema nervoso, o exercício e a física, adquiridos na ação empreendida sobre o objeto, as interações e transmissões sociais, que se dão, basicamente por meio da linguagem e da educação, e o fator da equilíbrio. (PALANGANA, 2015, p. 26)

No ramo educacional e se tratando das práticas pedagógicas, é fundamental que o educador/a tenha noções dos níveis básicos de desenvolvimento da criança, para que assim, sejam traçados métodos afim de contribuir para a aprendizagem. Logo, os estágios de Piaget contribuem para que o professor/a consiga concentrar seu plano metodológico e didático com mais qualidade, soluções, tendo em vista, as dificuldades apresentadas por parte dos alunos, como também, no refletir crítico sobre o próprio exercer pedagógico em sala de aula.

Nesse sentido, um dos quatros fatores frutos das instigações de Piaget, é justamente a ação da criança ao interagir com os objetos do conhecimento, que de acordo com o teórico a partir do momento em que a criança entra em contato com um objeto desconhecido,

automaticamente interage sobre ele, dessa forma, a interação só ocorre em decorrência da linguagem, e da educação em um contexto de escolarização, ocasionando assim, a equilibração.

Para tanto, se tratando da prática pedagógica do professor/a é necessário e curioso observar as formas de apropriação de conhecimentos novos adquiridos pelos alunos, que em determinados casos tendem sempre a ter mais dificuldades em uma dada matéria. Sendo assim, o professor/a ao buscar novos meios para avaliar o aluno, buscando compreender o motivo de tal lacuna na qual demonstra, é importante se questionar “quais os fatores primordiais que desencadeiam dificuldades nos alunos? Seriam estes fatores externos ou internos?

Dessa maneira, tendo por base uma das características de observação do professor/a para com os seus alunos, ou seja, buscar analisar as particularidades da assimilação da criança para com o objeto de conhecimento, na tentativa de investigar: quais são as equilibrações e acomodações dos alunos para com o objeto do conhecimento? Á vista disso, “É por meio da linguagem que a criança justifica suas ações, afirmações e negações, e, ainda, é por meio dela que se podem verificar a existência ou não de reciprocidade entre ação e pensamento” (PALANGANA, 2015, p.23)

De acordo com a citação acima, a linguagem é um dos fatores fundamentais da interação entre sujeitos e objetos, vale destacar que a linguagem corporal, as expressões também contribuem para analisar a assimilação do aluno referente a aquisição dos conhecimentos, pois, este aspecto quando é perceptível adequadamente em conjunto é um bom aliado do professor/a na tentativa de perceber quando aprendizagem em detrimento das suas aulas se encontra surtindo efeitos.

Para isso, é importante destacar que segundo a concepção Piagetiana o processo de desenvolvimento, aprendizagem e conhecimento ocorrem por meio do processo denominado “equilibração” ou seja, é a forma pela qual o sujeito regula sua maneira enquanto agir, pensar logo, tendem a ter uma progressão.

Para conhecer os objetos, o sujeito tem que agir sobre eles e, por conseguinte transformá-los: tem que desloca-los, agrupá-los, combiná-los, separá-los e juntá-los. A consciência da criança sobre o meio externo se expande lentamente conforme suas ações se deslocam de seu próprio corpo para os objetos. (PIAGET, 1983, apud FONTANA, 1998, p.49)

Compreende – se que para o autor, a partir do momento em que a criança entra em contato com os objetos existentes no meio, conseqüentemente ela tende a modificar suas condições cognitivas. Levando em consideração que, “ As crianças elaboram ideias próprias a respeito dos sinais escritos, ideias estas que não podem ser atribuídas a influencias do meio ambiente” (FERREIRO, 1988, p.45), entretanto, vale ressaltar que é fundamental haver

interação com o meio, mas que essa característica é mais proveitosa e válida quando há a intervenção de um adulto seja no âmbito familiar ou escolar.

Diante disso, as intervenções de um adulto quanto as descobertas iniciais da construção de nomeação, e significados dos objetos, é fundamental, pois é em prol dela que a criança elabora suas primeiras ideias de valor a respeito das funções dos instrumentos existentes no meio social, isto é, os primeiros critérios do que se pode ou não se relacionar, já que, ao voltarmos esse fator para os aspectos educacionais é extremamente relevante, dado que as primeiras construções de aprendizagens se dão por meio do contexto familiar daí a relevância das intervenções no processo de desenvolvimento diante das percepções do pensamento da criança.

Piaget afirma que os objetos não elaboram a mente da criança. Mas nós observamos que em situação real, onde a linguagem egocêntrica da criança está relacionada a sua atividade prática, onde está ligada ao pensamento da criança, os objetos efetivamente elaboram a mente infantil. (VYGOTSKY, 2001, p.72)

Perante o exposto acima, quando a criança se encontra na fase egocêntrica, a qual geralmente é perceptível no ato do brincar, ela externaliza suas vivências perceptíveis do cotidiano que geralmente tende a ser o familiar, ou melhor, reproduz vivências de sua própria prática, demonstrando assim, o quão necessário é haver as intervenções diante dessas dadas circunstâncias.

Por conseguinte, embora, Piaget não necessariamente tenha direcionado seus estudos para a aprendizagem e/ou contexto educacional sua vasta obra foi fundamental, tendo em vista, que determinados conceitos trouxeram diversificadas possibilidades do educador identificar por intermédio dos níveis de desenvolvimento, no caso, dos estágio “correto” (sem generalizar) da aprendizagem do educando, bem como, o quão importante é para fazer acontecer a própria prática pedagógica do professorado.

2.2. A Importância da Concepção Vigotskiana no Processo do Ensinar, Aprender e Aprender

A concepção Vigotskiana parte de um pressuposto dialético-materialista, aspecto no qual Vigotski utilizou para desenvolver suas análises acerca da sociedade, levando em conta, que o homem ao agir sobre a natureza consequentemente ocasiona determinadas mudanças, produzindo assim, modificações em sua natureza humana.

Á vista disso, o referido teórico trás em meio sua abordagem a influência da cultura mediante a construção do ser humano, em outras palavras, evidencia o quanto a cultura surti

efeitos na originalidade das relações sociais vinculadas a linguagem e ao pensamento, que por sua vez, valida o objetivo principal de seus postulados teóricos na tentativa de compreender de que forma ocorrem as funções psicológicas superiores do sujeito, enquanto um ser histórico – social, e ativo perante a sociedade.

Quando Vygotsky fala em cultura não está se reportando apenas a fatores abrangentes como a país onde o indivíduo vive, seu nível sócio-econômico, a profissão de seus pais. Está falando, isto sim, do grupo cultural como fornecendo ao indivíduo um ambiente estruturado, onde todos os elementos são carregados de significado. Toda vida humana está impregnada de significações e a influência do mundo social se dá por meio dos processos que ocorrem em diversos níveis. (OLIVEIRA, 2001, p.37)

Desse modo, os conceitos abordados pelo teórico, são imprescindíveis no ramo educacional, pois possibilita ao professorado concernir o alunado em sua totalidade, levando em consideração sua subjetividade, singularidade tanto no aspecto simbólico enquanto ser humano, quanto no fator que envolve o cultural e social do seu âmbito de vivências.

Partindo dessa presunção, para esse autor, é por meio da aquisição da linguagem que se promove o desenvolvimento das funções cognitivas, sociais, emocionais e afetivas, pois em seus postulados teóricos Vigotski destaca que para haver determinados progressos no desenvolvimento infantil é fundamental estabelecer a interação social e cultural.

Posto isto, de acordo com Wertsch e Smolka (2001, p.121) “um princípio fundamental na abordagem de Vigotski sobre o funcionamento mental humano é que a dimensão social da consciência é primordial no tempo e de fato. A dimensão individual da consciência é derivada e secundária”. Isto é, a consciência tem uma dimensão social, dado que se forma, e se constitui no interior das relações e práticas societárias. Sendo que, só é possível devido as relações sociais construídas ao longo das trocas que são intermediadas pela linguagem, logo, se incrementa a estruturação imprescindível, funcionais, dinâmicas e históricas.

Diante disso, os postulados da corrente Vigotskiana favorecem até os dias atuais significativas contribuições no eixo educacional, já que ao abordar conceitos sobre o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, consequentemente desencadeia concepções de como ocorre, e da forma o educador deve intervir no momento em que proporciona novas aquisições de conhecimento, configuração essa que chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) interligando ao processo da intervenção pedagógica, contextualização para com a realidade social e cultural da criança com o objetivo de gerar um ensino significativo.

Em vista disso, todos os conceitos citados anteriormente são fundamentais no momento da aprendizagem dos pequeninos, mas, colocar em pratica minimamente é um desafio para o

professor/a principalmente quando se trata da ZDP, como bem se sabe, muitas escolas não tem um ambiente propício para uma aprendizagem digna, no sentido de ter uma comodidade, um bem estar dentre outros.

Em decorrência dos aspectos citados anteriormente, demonstra o quão necessário é a obra de Vigotski, uma vez que reflete diretamente nas adequações que deve haver na instituição escolar para que assim as inter-relações construídas em sala de aula no momento da aprendizagem dos alunos sejam significativas. Desse modo, o processo da interação social, mediada pelo conhecimento é de fundamental importância, já que é a partir dela que o indivíduo estabelece vínculos, adquire novas formas de conhecimentos enriquecendo cada vez mais sua subjetividade.

Nesse sentido, de acordo com Vygotsky (2001) a cada aprendizado adquirido pela criança, conseqüentemente há uma modificação na zona de desenvolvimento proximal, isto é, os conhecimentos são amadurecidos e apreendidos.

Só o processo de aprendizado da leitura e da escrita (desencadeado num determinado ambiente sócio - cultural onde isso seja possível) é que poderia despertar os processos de desenvolvimentos internos do indivíduo que permitiam a aquisição da leitura e escrita. (OLIVEIRA, 2001, p. 56)

De acordo com o autor, é fundamental que o ambiente de aprendizagem proporcione para os alunos o despertar instigante por intermédio do processo de aquisição da leitura e escrita, tendo em vista, que o procedimento desse apreender é um dinamismo intrínseco e inter relacional. Levando em consideração que essa prática requer do educador/a um maior desempenho, visto que, se tratando da alfabetização dos alunos em níveis de desenvolvimento que se diferem é uma tarefa extremamente árdua.

Embora seja uma tarefa complexa e árdua, pois exige do educador uma visão macro e micro diante da dimensão social, cultural, singular do alunado desenvolver práticas metodológicas com o intuito de potencializar o aprender e apreender das crianças é desafiador. Tendo em vista, que “ A escola é uma instituição encarregada de possibilitar o contato sistemático e intenso das crianças com o sistema da leitura e da escrita” (FONTANA, 1998, p.65)

Assim sendo, o processo de ensinar, aprender e apreender exige uma sistematização, ou seja, que a escola desenvolva estratégias sistêmicas com a finalidade de potencializar e diminuir as dificuldades do alunado. Entretanto, baseado nos conceitos estudados por Vigotski, no qual

evidencia que para uma aprendizagem ser no mínimo significativa é necessário haver um conjunto de elementos que funcionem constantemente para que assim haja o aprender e apreender.

À vista disso, primeiramente para se obter uma educação assimilativa, é fundamental haver uma cadeia educacional ativa, isto é, elementos que estejam interligados harmoniosamente entre si, com o intuito de contribuir na formação do sujeito enquanto um ser ativo. Todavia, esse é o padrão ideal estabelecido nas teorias que almejam atingir a famosa aprendizagem ideal desenvolvendo assim, as competência e habilidades dos alunos em plena sincronia.

Desse modo, para se alcançar esse padrão ideário de ensinar com significância, é imprescindível haver políticas públicas efetivas, que assegurem o direito tanto dos alunos, quanto dos professores para gerir seu ensino e aprendizagem com competência. Sendo que, alcançar esse objetivo requer a sistematização de ambiente agradável, materiais pedagógicos de qualidade, professores disposto a gerir esse aprender, formações continuadas, parceria entre escola e família dentre outras, uma vez que, é por meio desse conjunto sistêmico que o aprender e apreender devem ocorrerem.

Ao internalizar instruções, as crianças modificam suas operações cognitivas: percepção, atenção, memória, capacidade para solucionar problemas. É dessa maneira que formas historicamente determinadas e socialmente organizadas de operar com informações influenciam o conhecimento individual, a consciência de si e do mundo. (DAVI, 1989, p.63 apud PALANGANA,2015, p.107)

No que diz respeito o autor, as interações para com o meio, quando mediadas pelos instrumentos e signos, ajudam no ampliar das funções psicológicas superiores, resultando assim na autonomia do sujeito, isto é, em sua plena forma de se relacionar com o mundo por intermédio de seu aprender social e cultural, aspectos dos quais constituem as internalizações do conhecimento e descobrimento individual, que nada mais é do que a consciência do ser humano que se encontra sempre em constante desenvolvimento.

Em síntese, o arcabouço teórico deixado por Vigotski, é imprescindível, sendo que, possibilita e expande a compreensão e a forma como a qual se busca compreender o sujeito, levando sempre em consideração sua subjetividade singular, cultural e social como um alargador perante o fazer, o adquirir, construir e desmistificar o conhecimento.

Para tanto, sua vasta obra quando voltada para as análises no âmbito educacional torna o olhar do professor/a mais humano, que ao mesmo tempo educa, como também se humaniza

no fazer pedagógico, na entrega de demonstra para o alunado o mundo, suas instigações, suas possibilidades infinitas de descobertas, desencadeando sua sensibilidade na construção e apropriação do conhecimento.

2.3. O Papel da Escola Diante da Dimensão Cultural e Social do Alunado

Em decorrência das discussões traçadas no tópico anterior, a respeito dos desafios em proporcionar uma aprendizagem efetiva com base nos postulados de Vigotski, é que emerge a tomada da reflexão acerca de pensar o papel social e cultural que a escola protagoniza diariamente por entre os percalços que as relações e vínculos estabelecidos na escola se manifestam.

Nesse sentido, a escola ao longo dos anos e em diversificados contextos sociais sempre teve um determinado papel designado as formas de educar o sujeito para lhe dar com a sociedade em geral. A partir disso, a escola é uma potência ideológica de grande influência, e não é à toa que fatores políticos, sociais, econômicos estejam entrelaçados nessa relação, que por sua vez, o objetivo primordial da escola é promover conhecimento para os cidadãos, e como bem se tem a consciência do quão poderoso e desmistificador é obtê-lo.

Dessa forma, em variados contextos a educação seguia seguimentos que se diferenciavam, mas, sempre mantinham a essencial do seu poder enquanto aparelho ideológico, motivo pelo qual desencadeou inúmeras renovações educacionais, isto é, modelos de correntes a serem impostas como ideias para os grupos que frequentavam as instituições escolares.

Na década de 1930, nossas elites, divididas em grupos ideológicos de um modo bem mais acirrado que em qualquer outro período da história do Brasil, produziram reflexões pedagógicas marcadas pelas disputas políticas de um modo bem mais claro que nos períodos anteriores. Tais conjuntos de ideias indicavam o que se deveria e o que não se deveria fazer com a educação brasileira, segundo os grupos mais ativos da época, tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista intelectual. (GHIRALDELLI, 2008, p.53)

À vista do exposto acima, a educação sempre foi um objeto de interesse político, uma vez que, engloba o conhecimento das esferas sociais, culturais e históricas, logo, os grupos mais privilegiados, chamado de elite sempre conseguia o fácil acesso, tornando assim, uma fonte fundamental de poder e persuasão em detrimento da classe popular, o qual possuem menos privilégios sendo assim, impedidos a terem acesso aos conhecimentos.

Para tanto, quando é decretado o “livre” acesso dos sujeitos das camadas populares, uma das formas de manter o controle de quais conhecimentos e como deveriam ser reportados para os alunos se deu por meio do modelo de ensino, conceituado como o “ensino tradicional” o qual

tinha como objetivo, o aluno ser passivo em detrimento de uma aprendizagem acrítica, e o professor o detentor do conhecimento.

Assim sendo, ao longo dos anos os modelos de ensino foram se modificando e/ou se resignificando de acordo com o contexto social, dado que, ainda há o resquício da presença de determinados modelos de ensino, principalmente o tradicional, fator este que tem um enraizamento atrelado devido à natureza cultural.

Dessa maneira, se pode caracterizar em uma educação bancária, a qual contém os referidos seguimentos.

Está baseada na transmissão do conhecimento e da experiência do professor. Atribui uma importância suprema ao “conteúdo da matéria” e, conseqüentemente, espera que os alunos o absorvam sem modificações e o reproduzam fielmente nas provas. Seu objetivo fundamental é produzir um aumento de conhecimentos no aluno, sem preocupar-se com ele como pessoa integral e como membro de uma comunidade. Como consequência natural, o aluno é passivo, grande tomador de notas, exímio memorizador, prefere manejar conceitos abstratos a resolver de forma original e criadora problemas concretos da realidade em que vive. (BORDENAVE, 2000, p.10)

De acordo com as características acima, o ensino era tido como uma mera válvula de decoração sem assimilação, isto é o aluno tinha um papel de receptor passivo acrítico, no qual não haviam discussões sobre os conteúdos lecionados pelo educador, uma vez que, era tido como um detentor do conhecimento. Pois, as lacunas do ensino resultavam em uma sistematização com fins políticos, econômicos, sociais na tomada de poder ideológico, assim dizendo o papel da escola nada mais era de controlar a massa, os sujeitos imersos das camadas populares.

Em vista disso, se faz necessário refletir acerca do papel da escola diante das dimensões culturais e sociais dos alunos, de que forma o ensino está se consolidando? Quais são os grandes desafios na tentativa de contemplar essas particularidades? Sendo que, há uma cobrança estabelecida no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na qual a escola tende a atingir competências e habilidades mediante o desenvolvimento e a aprendizagem do alunado

Tendo em vista, que embora conste na referida BNCC a seguinte configuração:

Portanto, os agrupamentos propostos não devem ser tomados como modelo obrigatório para o desenho dos currículos. Essa forma de apresentação adotada pela BNCC tem por objetivo assegurar a clareza, a precisão e a explicitação do que se espera que todos os alunos aprendam no ensino fundamental (BRASIL, 2018, p.31)

Dessa forma, para que se encontre estabelecido na BNCC os objetivos a serem atingidos em consonância com o currículo elaborado pela instituição escolar, requer um trabalho que

possibilite esse desencadeamento, já que para alcançar essas competências e habilidades o próprio ambiente de aprendizagem precisa ser favorável para que assim, inicialmente ocorra os pequenos desencadeamentos.

Assim sendo, apesar de não ser necessariamente obrigatório os fatores propostos pela BNCC, é importante destacar que é preferível que a escola realize a contextualização dessa aprendizagem e desenvolvimento para que assim, por meio do currículo esses fundamentos sejam atingidos. À vista disso, “Embora considere o processo de elaboração conceitual único e integrado, Vygotsky destaca a necessidade de diferenciarmos as condições em que a elaboração de conhecimento se dá nas relações cotidianas e nas relações de ensino vividas no contexto escolar” (FONTANA, 1998, p.110)

Dessa maneira, a escola tem um papel fundamental, devido aos critérios de elaborar e traçar as interligações do contexto social da criança com o objetivo de proporcionar um ensino mais claro, acessível e dinâmico. Em vista disso, a escola tende a fortalecer os laços envolvendo as relações entre família e escola, pois são fatores que quando se tem uma parceria o ensino tende a fluir de uma maneira mais eficaz.

Para tanto, diante desse papel social de trazer os pais, a comunidade para trabalhar com o intuito de conseguir uma aprendizagem mais leve, proporcionando assim um processo de ensino e aprendizagem com significação.

Na escola a criança e o adulto interagem numa relação social específica – a relação de ensino. Sua finalidade imediata, a de ensinar e aprender, é explícita para seus participantes, que nela ocupam lugares sociais diferentes: a criança no papel de aluno, é colocada diante da tarefa de “compreender” as bases dos conceitos sistematizados, ou científicos: o professor e encarregado de orientá-la. (FONTANA, 1998, p.111)

Por isso, acerca do contexto escolar cada profissional ali presente tem sua função, a qual é fundamental ser efetiva, logo, os alunos têm o seu papel de aprender, apreender com significação os conteúdos perpassados pelos professores, uma vez que, eles têm como compromisso sistematizar os conteúdos, conhecendo os alunos, seus conhecimentos prévios, sua singularidade afim de articular para com os saberes científicos.

Por conseguinte, as interligações entre escola, família atrelado a perspectiva social, cultural é fundamental, pois, desenvolve efeitos saudáveis na aprendizagem do alunado, uma vez que, quando não há essa parceria, conseqüentemente se pode ocorrer como resultado “as causas desse fracasso estariam no contexto cultural de que o aluno provém em seu meio social e familiar” (SOARES, 1989, p.13) Diante disso, segundo os estudos, quando não há uma boa

sistematização nas relações desencadeadas na escola, há efeitos reversos na aprendizagem, tais como, a própria evasão escolar.

Portanto, a escola frente a seu papel de mediador tem uma significativa relevância relacionada as pautas de ensino vinculadas a aprendizagem, ao bem estar dos pequeninos, pois procurar estabelecer relações pacíficas para com a comunidade geral surti efeitos consideravelmente positivos. Desse modo, vale ressaltar que para se obter um ensino de qualidade e assimilativo, requer uma sistematização de elementos que desempenhem com êxito cada função que requer para cada designo profissional acerca da escola.

3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA

O processo de alfabetização é um dos aspectos fundamentais e mais complexos na vida da criança, pois é por meio da aquisição da leitura e escrita que se estabelecem as trocas sociais, bem como, culturais. A partir dessa perspectiva, a criança, ao adquirir o domínio da linguagem, também desenvolve a sua própria autonomia, uma vez que a sociedade é constituída de representações semióticas que coadjuva significativamente na compreensão, bem como na forma de ler e interpretar o mundo.

Partindo desse pressuposto, é imprescindível que a criança, no decorrer do seu desenvolvimento escolar, nos anos iniciais, seja alfabetizada de forma significativa. Nesse sentido, para Barboza (2016, p. 15) “alfabetização corresponde diretamente à libertação de uma pessoa, pois, a partir do momento em que um sujeito aprende a decifrar o código alfabético e principalmente entendê-lo, de maneira que consiga interpretar o que lê, ele começa a se tornar sujeito de sua própria história”.

Em outras palavras, alfabetizar uma pessoa vai muito além de ler, escrever ou decodificar códigos, mas é uma conformação que contribui significativamente na formação do indivíduo e reflete diretamente na construção da sua própria história, sendo assim, consequentemente o sujeito se torna ativo, pensador, crítico e formador de opiniões.

Entretanto, para que esses pressupostos sejam alcançados requer a complementação de uma multiplicidade de recursos, acessos, formações, ambiente escolar adequado que equipare as aprendizagens.

Além disso, BNCC e currículos tem papeis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam

o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. Essas decisões, que resultam de um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade. (BRASIL, 2018, p.16)

A vista disso, em se tratando da alfabetização para que haja um pleno apreender por parte dos alunos, segundo teóricos que analisam os déficits de analfabetismo no Brasil, muito se é atribuído as falhas existentes na não sistematização das multi áreas fundamentais para proporcionar o objetivo que se é esperado e que consta na BNCC.

Pois, partir dos pressupostos elencados que tem por base fatores internos e externos a serem levados em consideração, para que assim, o ensino de qualidade tão almejado seja efetivado, cabe destacar o seguinte:

Em se tratando de um processo complexo como a alfabetização, de uma multiplicidade de perspectivas, resultante da colaboração de diferentes áreas de conhecimento, de uma pluralidade de enfoques, exigida pela natureza do fenômeno, que envolve atores (professores e alunos) e seus contextos culturais, métodos, materiais e meios. Entretanto, essa multiplicidade de perspectivas e essa pluralidade de enfoques não trarão colaboração realmente efetiva enquanto não se articularem em uma teoria coerente da alfabetização. (SOARES, 2021, p.15)

Em consonância com a autora, a alfabetização sempre foi um dos maiores desafios no Brasil, uma vez que, os índices alarmantes de analfabetismo têm uma crescente significativa, e dentre esses percalços, logo se procurou investigar a natureza desse fenômeno, tendo em vista, que a educação foi um dos ramos mais investidos. Dessa forma, é necessário se questionar e/ou refletir se de fato os déficits dessa aprendizagem se encontra vinculado ao fator financeiro? Metodológico? Ideológico em um seguimento cultural? Ou seria apenas o não investimento adequado desses recursos?

De acordo com as indagações anterior, o ato da alfabetização e letramento, que são processos simultâneos interligados, quando adquiridos com êxito proporciona e desenvolve a intelectualidade crítica do aluno em relação ao mundo, isto é, sua historicidade social, cultural atrelada aos eventos históricos de diversificadas épocas. Em vista disso, alfabetização pode ser compreendida como um processo que proporciona ao indivíduo o desencadeamento das suas percepções de conceitos já elaborados pela sociedade, mas que tendem a serem modificados a partir da sua aquisição do conhecimento.

Sendo assim, o alfabetizar, ou seja a aquisição referente às habilidades leitoras e escritas por parte dos alunos, torna perceptível que essa prática se efetiva quando vinculada ao

letramento, uma vez que, o indivíduo vai desenvolvendo, internalizando aos poucos suas maneiras de ler e interpretar o mundo criticamente. Logo, o sujeito tende a não necessariamente só lê livros por ler, mas sim, compreende o significado da sua leitura em questão, elaborando críticas, hipóteses dentre outros aspectos.

Tendo em vista essa concepção é de extrema relevância que no ensino da escrita e da leitura o/a professor/a, através da sua didática e metodologia, realize estímulos iniciais para que assim a curiosidade seja despertada, entretanto, é necessário que o educador tenha clareza em como desenvolver e aplicar ao longo desse processo as práticas alfabetizadoras, uma vez que, as técnicas em termos de dimensão linguística e dimensão cognitiva devem ser articuladas, pensadas, já que a dissociação de ambos podem surtir efeitos reverso desempenho das atividades.

Desta maneira, o processo de alfabetização é uma cadeia repleta de fragmentos, na qual cada aspecto tem sua função, isto é, níveis de técnicas linguísticas, cognitivas culturais e sociais, englobando assim, multi conceitos. Visto que, quando instigada através da elaboração de estratégias pedagógicas para que dessa forma a criança desenvolva interesses iniciais pela leitura e, assim, consiga sustentar a continuidade e consolidação da aprendizagem da língua.

Entre os conhecimentos da criança que contribuem com as tentativas dos adultos de ajudá-la a ler e escrever, adquire valor fundamental o convencimento de que o escrito transmite uma mensagem. A participação em atividades conjuntas como os pais e na Escola Infantil-ler histórias, presenciar a elaboração de uma lista de compras, levar um bilhete da escola para a casa, ver a professora lendo histórias, anotando...- propiciou a construção deste conhecimento que, como o leitor deverá reconhecer, é muito adequado à realidade. É verdade que algumas dessas atividades não são reconhecidas pela criança, pois ela não sabe o que ocorre para além do que ver; ou seja; não pode ter acesso aos processos internos da leitura dos demais. (SOLÉ, 1998 p. 57)

Dessa forma, conforme a citação acima, o meio social e cultural tem um papel preponderante na educação da criança, uma representatividade que interfere diretamente na construção do aprender e apreender do conhecimento daquela criança enquanto um ser que está em processo constante de humanização.

Visto que, ainda de acordo com a citação acima, a base familiar é um dos pilares iniciais que contribuem significativamente nas escolhas, gostos, comportamentos e interesses das crianças. Assim, é importante que o educador no decorrer dessa elaboração do desencadeamento das habilidades leitoras e escritas utilize práticas pedagógicas significativas que impulsione a aquisição da linguagem daquele aluno.

Sabe-se que a tarefa de alfabetizar uma criança não é nada fácil, uma vez que, ela requer e exige do professor/a tempo, estratégias efetivas, didáticas e principalmente que esteja atento com um olhar voltado para o desenvolvimento da criança que está ocorrendo naquele momento da aprendizagem, pois é a subjetividade do aluno envolvem os aspectos culturais e sociais. Para que a formação do aluno, enquanto leitor de fato, seja relevante é necessário que haja uma sistematização do planejamento pedagógico do professor/a.

Para que a escrita seja dominada, essa complexidade requer a aprendizagem sistematizada e o treinamento específico de algumas habilidades e convenções, tais como: o conhecimento do conjunto de letras disponíveis para o registro dos sons da linguagem falada, suas relações com esses sons e as regras de combinação entre elas o traçado que as constitui, sua direcionalidade e outros detalhes. (FONTANA, 1997 p. 170)

É necessário, conforme chama a atenção, acima, Fontana, que o professor/a realize elaborações sistemáticas para que se tenha uma articulação efetiva em prol das suas metodologias, pois é fundamental que ambas estejam relacionadas de acordo com o conhecimento prévio para com o científico, ou seja, contextualizada.

Sendo que sua prática pedagógica precisa ter um olhar específico para as singularidades de seus alunos, um trabalho corporativo da escola e em conjunto com a comunidade/família. Essa seria uma das principais configurações de ensino para tornar efetivamente alunos alfabetizados e letrados, ou seja, o ponto inicial para desencadear determinadas potencialidades.

Por conseguinte, a discussão elaborada até aqui, evidencia o quão necessário é refletir acerca dos desafios que permeia a alfabetização, uma vez que, há vários percalços entrelaçados culturalmente neste processo. Ademais, evidente que sem a educação o indivíduo não se desenvolve intelectualmente, ela possibilita a transformação não só do sujeito, como também, dos demais ao seu meio de convívio, sendo que a aquisição de conhecimentos ocorre através da interação do sujeito com o meio a partir dessas relações que o indivíduo vai se tornando um ser humanizado, nos aspectos biológico, histórico e social.

3.1 O Papel da Consciência Fonológica na Aquisição da Leitura e Escrita da Criança

Em decorrência das discussões pautadas a respeito do processo de aquisição da linguagem e da escrita, e tendo como base os postulados teóricos de Soares (2021) e que se é abordado os pressupostos que envolvem o método fônico de alfabetização. Visto que, é imprescindível analisar a forma como está ocorrendo o trabalho envolvendo a leitura e a escrita em sala de aula.

Pois, como se sabe ao longo dos anos se é intensificada as pesquisas voltadas para o ramo da linguagem (escrita e leitura), dado que é um dos aspectos mais discutidos pelos estudiosos, já que sempre realizam pesquisas, apontamentos com o intuito de contribuir e minimizar os altos índices de analfabetismo que emergem especificamente no Brasil.

Desse modo, para que haja a alfabetização das crianças nos anos iniciais, isto é, de 1º ao 2º ano, sendo que é necessário chegarem ao 3º, 4º e 5º ano sabendo ler significativamente, e escrever desde frases a pequenas produções textuais. Todavia, na realidade não é o que ocorre de fato, mas por quais motivos a alfabetização ainda é um dos maiores problemas e desafios? Quais são os percalços mais pertinentes em todo esse processo?

Primeiramente para tentar compreender determinadas lacunas, é fundamental se ter clareza sobre o que é a alfabetização.

Conceito de alfabetização, que essa não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades, o que se caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. Essa complexidade e multiplicidade de facetas explicam por que o processo de alfabetização tem sido estudado por diferentes profissionais, que privilegiam ora estas ora aquelas habilidades, segundo a área de conhecimento a que pertencem. (SOARES, 2021. p.20)

Diante do exposto acima, é perceptível que a alfabetização envolve uma pluralidade, em se tratando do seu próprio conceito, já que envolve áreas de estudo psicológico, psicolinguístico dentre outros. Acerca disso, não se tem na integridade ao certo, uma precisão sobre esse processo, em razão disso para que haja um conceito coerente é fundamental haver uma articulação entre os eixos que englobam esses estudos e análises diante do campo teórico do alfabetizar.

Para tanto, a alfabetização é uma das características mais complexas e singulares que o indivíduo tende a adquirir, sendo que, desenvolver a capacidade de apropriação com significância é uma questão variável que depende de determinados fatores externos, internos, já que os estudos voltados para esse campo especificam explicações que se diferem, ou seja, são multifacetados.

Diante disso, ao longo de todo o processo escolar do indivíduo, é fundamental que o educador tenha clareza que o centro de todo esse processo é o aluno, que ao ser inserido neste universo atrelado ao social, cultural ele tende a desencadear suas formas de ler e interpretar o mundo. Entretanto, para que esse procedimento ocorra com êxito é imprescindível que se estabeleça uma correlação entre as técnicas que envolvem o alfabetizar, a contextualização dos

conteúdos, bem como, o entendimento básico sobre as formas de como o cognitivo apreende as decodificações dos códigos linguísticos.

A plena inserção no mundo da escrita, pelo exercício competente da leitura e da escrita, envolve pelo menos três dimensões que se articulam e complementam: uma dimensão linguística, a conversão da oralidade em escrita; uma dimensão cognitiva, as atividades da mente em interação tanto com o sistema de escrita, no processo de aquisição do código, quanto com o texto em sua integridade, no processo de produção de significado e sentido, e uma dimensão sociocultural a adequação das atividades de leitura e escrita aos diferentes eventos e práticas em que essas atividades são exercidas. (SOARES, 2021.p.133)

À vista disso, se sabe que a alfabetização é intrínseca, e complexa, daí a importância de proporcionar nos anos iniciais do ensino fundamental uma aprendizagem na qual a criança consiga desencadear o interesse pela leitura e escrita, que por sua vez, necessita que o professorado tenha uma boa didática/metodologia, compreendendo que o centro de todo o processo é o alunado. Entretanto, para que essa sistematização do ensinar tenha êxito é fundamental que o educador tenha a consciência dos processos que ocorrem para que assim seja efetivada uma aprendizagem que abranja as três dimensões elencadas, quando interligadas alcançam a integridade do indivíduo.

Partindo desse pressuposto, segundo Ferreiro (1988, p. 29) “ as discussões sobre a prática alfabetizadora têm se centrado na polemica sobre os métodos utilizados”. Nesse sentido, ao tratarmos da metodologia em si, que é uma questão de direcionar com o objetivo de alcançar determinados fins, é que o educador elabora em prol das suas atividades em sala de aula desencadeia esse aspecto, que nada mais é que um caminho para se chegar ao domínio do sistema alfabético, o qual requer um resultado de determinação clara mediante a aprendizagem.

Dessa maneira, para que se elabore metodologias alfabetizadoras é necessário ter domínio e clareza do *como ensinar, o que, para quem e o porquê do ensinar?* Assim sendo, é importante, se ter a clareza sobre as questões que permeiam a abordagem fônica de alfabetização, bem como, a consciência fonológica, uma vez que, há as interligações acerca dessas perspectivas que envolvem a linguagem, isto é, o fator fônico é um método utilizado para desenvolver a alfabetização, e a consciência fonológica nada mais é que a capacidade de refletir e assimilar os sons da palavra.

Sendo assim, desenvolver a capacidade de discernir os sons das palavras, que através desse entendimento é possível elaborar palavras, frases, textos etc., não é uma tarefa fácil para os pequeninos, pois a criança perpassa por um processo progressivo e constante em termos de compreensão da escrita alfabética.

Essa capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala é o que se denomina consciência fonológica: a capacidade focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas. (SOARES, 2020, p.77)

Perante o exposto, é necessário destacar dois aspectos, primeiramente que a fala desenvolvida no meio social é inata, já a escrita tem sua influência cultural, ou seja, a criança não aprender a ler e escrever sozinha. Para tanto, ampliar essa característica de forma técnica atrelada aos preceitos sociais e culturais é imprescindível, visto que a criança se encontra em seu processo de começar a aprender

Em vista disso, ela vai se descobrindo diante do universo, no qual vai amadurecendo a cada etapa o seu “*como aprender*” e professor no papel do “*como ensinar*” que necessita das técnicas relacionadas a palavra, sílabas, sons dessas palavras, para então chegar ao grafismo de construção das palavras que o tende a ocorrer a partir do momento no qual a criança desenvolve a capacidade de assimilar os sons e as formações desses sons em palavras.

Desse modo, desempenhar essa tarefa é significativamente desafiador, justamente porque a alfabetização é um fator dialético, isto é, a todo instante é modificada, ressignificada de acordo com o contexto histórico-social que permeia conforme a contemporaneidade. Logo, não basta somente desenvolver as técnicas do alfabetizar, mas é fundamental interligar os variados conhecimentos prévios que abarca cada aluno/a, sendo necessário que o educador tenha essa consciência não somente desses aspectos, como também irá impactar futuramente a vida do aluno/a em termos sociais.

De acordo com Soares (1989, p. 16) “a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para a sua transmissão” tendo em vista, que a linguagem é decorrente do âmbito cultural, pois as inter-relações subjetivas são os primórdios fundamentais no anseio dessa apropriação constante, em outras palavras, os resquícios iniciais impulsionam gradativamente as primeiras pequenas formas de interesse ligada a linguagem, que é desencadeada no contexto familiar. Em vista disso, levando em consideração, que “a linguagem, como tal, é colocada de certa forma “entre parênteses”, ou melhor, reduzida a uma série de sons” (FERREIRO, 1988, p.15)

Com base nas perspectivas acima, ter a habilidade de identificar e assimilar no decorrer do desenvolvimento da aprendizagem no quesito do alfabetizar requer uma associação das dimensões desse processo, convenhamos primeiramente ocorre o processo do desencadear a

consciência fonológica, isto é, sons das palavras e/ou letras, em seguida tende a aprimorar e desenvolve a consciência silábica e por último a consciência fonêmica

Quando a criança se torna capaz de segmentar a cadeia sonora da palavra em sílabas e, em escrita inventada, representar cada sílaba por uma letra, já revela a consciência de que a palavra é constituída de segmentos sonoros representados por letras. (SOARES, 2020, p.87)

Com esse intuito, adquirir a capacidade de discernir os sons que são desencadeados por meio do método fônico afim de desenvolver a habilidade da linguagem falada e escrita é uma tarefa complexa não somente para o alunado, como também para o professor, pois criar estratégias de sondagem e se reinventar é fundamental.

Sendo que, levar aos pequeninos a reflitem a respeito que para se obter palavras escritas, requer reconhecer os sons das letras, isto é, o som da fala. Todavia, cabe ressaltar que este é o fator primordial no processo do aprender do aluno, não significa que já se encontra alfabetizado, mas sim, que o primeiro passo que tende alargar as demais potencialidades já se encontra encaminhado.

Contudo, é imprescindível que o professor/a realize a chamada “*reiteração*”, isto é, renovar, ampliar suas práticas metodológicas com o intuito de promover uma aquisição–a respeito leitura, escrita, devidamente adequável no âmbito educacional, pois, refletir acerca do quanto é possível aperfeiçoá-las. De acordo com Braggio (2002, p.11) “ a leitura e a escrita são tratadas como uma mera aquisição da técnica de ler e escrever, com ênfase no componente grafofonico da língua, como um fim em si mesmas, circunscritas às quatro paredes da sala de aula”.

Dessa forma, analisar os impactos na aprendizagem de seus respectivos alunos/as afim de mensurar até que ponto aquela reiteração é importante visando metodologias diferenciadas, é fundamental, uma vez que, os aspectos em termos de técnica, conhecimentos sociais, culturais devem ser articulados, e não dissociados. Á vista disso, existem algumas características relacionadas a postura do professor/a durante sua atuação como alfabetizador, neste caso, para que haja o processo de reiteração acerca das elaborações didáticas, metodológicas com o intuito de corroborar em um ensino mais eficaz é imprescindível que ele/a realize a seguinte indagação “*por que alfabetizar*”?

Diante disso, o primeiro passo do educador/a é ter uma noção do que é de fato a alfabetização, suas particularidades, normativas e assim por diante. Tendo em vista, que os estudos sobre as perspectivas do alfabetizar resultam em variadas contribuições fundamentais

proporcionando assim, ao professorado uma gama de informações que dão subsídios para a realização de suas reiteraões, elaboraões das suas práticas pedagógicas que envolvem metodologias e didáticas

De acordo com Freire (1996, p.22) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Por conseguinte, para além da reflexão da prática do professor/a é imprescindível buscar formaões sobre novas metodologias, didáticas e as normativas que envolvem a psicolinguística, linguística e assim por diante.

Por conseguinte, o objetivo dessa discussão não é apontar “culpados” por haver um número significativo de analfabetos, ou tentar encontrar erros na prática pedagógica. Mas, sim refletir, onde se encontra as falhas? A prática pedagógica não é eficaz? O aluno não se interessa? Porquê?

Ademais, a reiteração é um fator imprescindível, se tratando de metodologia-didática o ideal seria o professor/a manter uma postura de pesquisador visando uma formação continuada, já que o processo de aprender é constante, os estudos sobre leitura, escrita sempre são ampliados, modificados.

A propósito, é fundamental projetar estratégias de ensino e aprendizagem sistematizadas, que contemplem as necessidades e dificuldades dos alunos, trazendo significação com o intuito de desenvolver o cognitivo, já que requer experiências, vivências, descobertas quando em contato com o objeto de conhecimento a criança realiza seu mapeamento por meio da curiosidade para a aquisição da linguagem.

Em síntese, é necessário apontar os fatores que por parte interferem nesse processo inserção da criança no mundo da escrita, da leitura, até ao momento em que de fato se torna alfabetizada. Pois é uma aprendizagem que requer do aluno uma boa integração nos aspectos emocionais, cognitivos, afetivos, sociais dentre outros.

Tendo em vista, que há uma sistematização nesse repertório educacional da aquisição da aprendizagem a qual necessita está em harmonia para que assim essa prática seja efetiva para a criança. Esses apontamentos são essenciais, pois contribuem para refletir a respeito da formação do aluno enquanto leitor e novas cogitações voltadas para a metodologia e didática que facilitem para que ocorra um ensinar significativo, prazeroso, não somente para o alunado como também, para os educadores.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Na referida seção se descreve os processos metodológicos para a realização do trabalho. Sendo assim, a pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexível, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais (LAKATOS, 2003, p.154).

Acerca disso, a metodologia é um fator primordial que dar suporte na coleta dos dados, dito isto, a investigação se caracteriza como de cunho qualitativo. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (LUDKE, 1986, p.11) Assim sendo, os métodos utilizados são a pesquisa bibliográfica, e a de campo.

Dessa forma, se objetivou investigar a prática da professora do 1º ano do ensino fundamental, afim de buscar compreender seu redimensionar pedagógico voltado para a metodologia/didática, ao promover o desencadeamento da alfabetização do alunado no período pós pandêmico.

Para tanto, os procedimentos metodológicos realizados para colher os subsídios são: o levantamento bibliográfico, aspecto imprescindível para a fundamentação dos dados, bem como a realização de entrevistas com a professora, as observações em sala de aula, análises das inter-relações sociais dos participantes e registro fotográfico.

Respectivamente, o referido trabalho se desenvolveu no presente EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental Mariuadir Santos, localizada no Município de Abaetetuba- PA. Nesse sentido, primeiramente se explorou da pesquisa bibliográfica, uma vez que se deve assegurar a cientificidade do trabalho.

Logo, para dar consistência aos dados se tem como embasamento os respectivos teóricos, Lev Vygotsky (1998) para esse autor é importante levar em consideração as singularidades presentes no âmbito escolar. A autora Magda Soares (1989) que realiza estudos construtivos na área de alfabetização e letramento, que tem por base analisar as relações constituídas entre linguagem, escola e sociedade, dentre outros.

Ademais, é importante destacar que a observação se deu de forma semiestruturada, ou seja, embora haja um roteiro, podem ocorrer alterações no decorrer do percurso planejado, logo, as observações realizadas podem ser designadas na condição de participante como observador. Sendo assim, o pesquisador não oculta totalmente suas atividades, mas revela apenas parte do que pretende (LUDKE, 1987, p.29), em outras

palavras, na realização da observação o pesquisador obtém um constante contato com seu objeto de análise, aspecto este imprescindível acerca da abordagem qualitativa.

Tendo por base, a entrevista realizada com a professora, que consistem em uma sequência de perguntas referente ao objeto de estudo, sendo que a entrevista permite correções, esclarecimentos, correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas (LUDKE, 1987, p.34). Desse modo, esse fator é um dos instrumentos preponderantes ao longo da pesquisa, que amplia cada vez mais os esclarecimentos.

Ademais, ao longo das observações exercidas em sala de aula, se constatou que coincidiam com as falas da professora mediante as entrevistas, uma vez que, durante sua atuação no processo do ensinar demonstrou coerência em suas práticas e atitudes. Dado que, essa técnica é um principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado (LUDKE, 1987, p.26).

Consequentemente, no decorrer das observações, o pesquisador atuou juntamente com o sujeito pesquisado em suas práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo de suas aulas, já que a observação possui o modelo participante como observador. Em vista disso, para dar consistência na coleta dos dados, serão analisados com base nos teóricos que discutem mediante ao tema em questão.

Em síntese, a partir das coletas de dados ao longo dessa pesquisa, a qual envolve a prática pedagógica da educadora relacionada ao desencadear do alfabetizar, é que se almeja com os resultados ampliar as discussões, bem como, reflexões a respeito da prática da professora em sala de aula, em se tratando do processo de aprendizagem dos pequeninos referente a linguagem, isto é, a leitura e a escrita.

5. RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção será apresentado a descrição dos dados obtidos por meio da pesquisa de campo baseada na observação realizada em sala de aula, bem como ao processo de alfabetização. Sendo assim, afim de desenvolver as análises dos dados, será feita uma breve descrição do lócus da pesquisa, envolvendo assim, a escola, os alunos/as e a professora.

Para tanto, é importante destacar como se deu o processo de aquisição da linguagem dos pequeninos, a partir do retorno para o âmbito escolar pós pandemia, interligando com os subsídios teóricos vinculados ao processo de significação, linguagem em uma

perspectiva social, cultural que englobam a educação contextualizada, crítica, a qual torna o sujeito ativo nesse processo.

Tendo em vista, que as discussões traçadas ao longo dessa investigação são imprescindíveis, pois evidencia as dificuldades enfrentadas pela professora em desencadear o alfabetizar para com seus alunos/as, uma vez que, em função do isolamento social ocasionado pela COVID -19 prejudicou em diversificadas esferas o aprendizado das crianças. Dessa forma, se fez necessário a professora pensar e redimensionar a sua prática pedagógica, elaborando novas metodologias e didáticas com o intuito de potencializar e minimizar os impactos.

Desse modo esta seção é o ponto central desta pesquisa, dessa maneira, foi possível constatar o quanto a pandemia afetou o aprendizado das crianças, fatos nos quais se é evidenciado nas falas da professora, processo este que ocorreu durante a pandemia, e depois dela. Por conseguinte, há uma instigante constatação no decorrer das entrevistas em relação ao diálogo da professora relacionado ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita dos pequeninos já em um contexto sem isolamento social.

5.1. A escola e o ensinar docente

Neste referido item, é apresentado uma breve descrição acerca da forma como a professora desenvolve suas atividades práticas com seus alunos, ou seja, é analisado como ela proporciona o ensinar, a aprendizagem para o alunado, bem como, desenvolve seu redimensionar pedagógico, tendo em vista, que seus alunos se encontram vindos de um contexto pós pandêmico.

Para tanto, a turma observada é do turno da manhã, alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, sendo assim, a escola EMEF Mariuadir Santos fica localizada na zona urbana, mais precisamente no bairro de Santa Rosa, no município de Abaetetuba – PA. À vista disso, o ensino é designado para as crianças que se encontram do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental

Dessa forma, a escola funciona nos turnos manhã e tarde, atendendo em ambos os turnos alunos de 6 a 10 anos, totalizando em média cerca de 398 crianças, sendo assim, a organização da escola consiste em coordenadora pedagógica, diretora e os demais funcionários totalizando em média 32 professores desde regentes e profissionais de apoio, os quais atuam diretamente com alunos que tem deficiências, dentre outros.

Em termos de estrutura, a escola dispõe de cozinha, refeitório para as crianças realizarem suas refeições, laboratório de informática, sala de leitura, sala dos professores, bem como, a sala de atendimento educacional especializado (AEE). Assim sendo, em seu entorno se tem a quadra de esporte (mas, não é utilizada devido não ser coberta, e ao sol), um amplo espaço bem natureza, onde se construiu um parque com materiais recicláveis.

Em relação a turma na qual foi observada, a sala mantém uma organização tradicional, onde as cadeiras se encontram em fileiras, se tem um quadro branco, uma mesa e armário da professora. Em volta, nas paredes há cartazes diversificados, contendo alfabeto, calendário, números matemáticos e o cantinho da leitura.

Ademais, a turma é regida pela professora, a qual leciona as matérias de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências dentre outras. Pois, atua como professora na escola Mariuadir há mais de oito anos, trabalha com a turma do primeiro ano do ensino fundamental, e, é formada em ciências naturais – magistério.

Por conseguinte, a professora conta com material didático para realizar suas práticas pedagógicas com seus alunos, utilizando papel A4, E.V.A e aparelho eletrônico como celular, dada show com o objetivo de proporcionar experiências do aprender diversificadas para os pequeninos.

Diante disso, foi perceptível que a educadora buscava ampliar e modificar suas formas de ensinar, uma vez que, as atividades por ela desenvolvidas sempre foram de acordo com o nível de aprendizagem de cada aluno, tendo em vista, que ela se preocupava em levar em consideração a subjetividade do seu alunado nas dimensões sociais, culturais e subjetivas, tornando esse processo o mais compreensível, contextualizado e facilitador para seus educandos.

5.2.O acolhimento da pesquisadora

Neste subtópico, é ressaltado o acolhimento da professora regente relacionado a pesquisadora. Ao iniciar as observações houve um acolhimento bastante afetuoso, em termos de atenciosidade, gentileza e o estabelecer da amizade, sendo bastante receptível, apresentando para a turma quem era a mais nova “integrante” que faria parte do cotidiano, das vivências de seus alunos.

Adiante, ao me inseri na turma a educadora passou a me dar possibilidades de desenvolver e contribuir para a aprendizagem dos alunos, dessa forma, auxiliava na realização

de determinadas atividades atuando diretamente com os alunos que apresentavam uma maior dificuldade.

Acerca disso, a ida a campo ocorreu da seguinte forma, devido as experiências obtidas do contato com projeto de pesquisa científica, o qual despertou o interesse pela referida temática, a coleta de dados se desenvolveu nos períodos de 26/10/2020 sendo neste caso desempenhada a primeira entrevista com a professora, pois, é importante ressaltar que em decorrência do isolamento social ocasionado pela COVID -19, não foi possível efetivar as observações em sala de aula, até este momento apenas houve a visita ao espaço, coleta das imagens referentes aos materiais de leitura que a professora utilizava.

Assim sendo, devido as complicações do aumento de casos da COVID-19, não foi possível realizar a ida a campo devido a professora ser do grupo de risco, logo, não houve acompanhamento. Nesse sentido, com o retorno das crianças para a sala de aula, se iniciou as observações em 19/04/2022, as quais foram realizadas somente na segunda-feira, devido ser aula de Língua Portuguesa – Leitura e Escrita.

Para tanto, em janeiro de 2023 houve a continuidade das observações e participação da pesquisadora em sala de aula, realizando assim em 09/06/2023 a última entrevista com a professora afim de obter dados mais precisos sobre os parâmetros de encaminhamento da alfabetização dos alunos, e os níveis em que se encontravam.

Ao longo desses períodos de observação e participação no processo do ensinar, a professora sempre destacou o quão difícil é desempenhar o desencadear, o despertar de interesse e percepção do alunado acerca da leitura, da escrita, tendo em vista, que esse processo necessita de determinados suportes tais como: mais uma professora em sala, a participação dos pais, mais recursos pedagógicos que auxiliem nesse processo, pois, esses são e outros os aspectos mais recorrentes e presentes em todas as falas da educadora ao conceder as entrevistas.

Ainda de acordo com a professora, ao retornarem para o âmbito escolar as crianças voltaram “zeradas” sem saber identificar as vogais, e até mesmo “segurar um lápis”, seu trabalho foi potencializado após a pandemia, já que os alunos não tiveram contato algum com a escola, logo, ela providenciou o que denominei de “redimensionar pedagógico”, isto é, novos métodos e didáticas de conceder o conhecimento, e facilitar o entendimento do aprender para seus alunos.

Portanto, a lacuna deixada pela pandemia gerou um atraso e/ou estagnação em se tratando da alfabetização, aspecto este que já vem a anos sendo estudado e questionado justamente por existir um déficit tão significativo no ramo. Logo foi possível constatar o chamado déficit linguístico e cultural, os quais são parte imprescindível de análise desse processo tão complexo, que é a aquisição da linguagem.

5.3.Tríade das inter-relações entre professora, alunos e pais

Em relação as inter-relações estabelecidas ao longo do contato e das trocas que se estabeleceu entre a pesquisadora e a professora, foi possível constatar que a relação entre professora e alunos é mediada pela afetividade, respeito, escuta sensível e a compreensão das peculiaridades de cada criança. Tendo em vista, que a educadora sempre mantém uma postura curiosa, no sentido de buscar entender os motivos pelos quais seus alunos apresentam determinadas dificuldades, comportamentos que se diferem do “convencional”.

Em vista disso, a professora na tentativa de aperfeiçoar o seu ensinar, busca trazer os pais para o contexto escolar, isto é, realizar essa interligação dependendo do nível de aprendizagem seja positiva ou negativa, ela reúne os pais para indagar e lhes incentivar a dar um maior suporte para seus filhos neste processo. Sendo que é imprescindível se ter essa sistematização vinculada, já que esse desenvolvimento é revestido por influencias mutuas que são os conhecimentos apreendidos na escola, que tende a ser reforçados no convívio familiar.

Para tanto, de acordo com o relato da professora não são todos os pais que participam ativamente da vida escolar dos filhos, logo há uma certa dificuldade em obter êxito no dinamismo do aprender, justamente devido o quão difícil é manter ou articular essas participações mais ativas por parte dos pais e/ou responsáveis.

5.4.As peculiaridades da turma

A presente turma tem uma vasta peculiaridade, pois é composta por 25 alunos, que residem tanto na zona urbana, como na zona rural. Sendo assim, para se deslocarem até a escola utilizam dos mais variados tipos de transporte, como: moto, bicicleta, ônibus e carro, aspecto no qual varia dependendo da localidade de cada criança.

Á vista disso, cada aluno apresenta em sala de aula vivencias, gostos, jeitos, interesses que se diferem, mas que são necessários para a formação e construção do conhecimento. Nesse sentido, a criança, analisam Vygotsky e seus colaboradores não nasce em um mundo “natural”. Ela nasce em um mundo humano. (VYGOTSKY, 1998, p.57) assim sendo, a cada interação

social que proporciona trocas culturais diferentes é que constitui cada vez mais, o entendimento e reconhecimento de si mesmo, logo, o sujeito vai se auto reconhecendo, e se humanizando, estabelecendo assim, seus paradigmas.

Levando em consideração, toda a pluralidade existente em sala de aula, isto é, de comportamento, cada um com suas características particulares que reflete diretamente na forma como perpassam pelo processo de aprendizagem. Á vista disso, é necessário ressaltar que as crianças são de famílias em níveis economicamente diferentes, ou seja, nível socioeconomicamente carentes, baixa ou média renda, aspecto que interfere diretamente no desenvolvimento de cada aluno presente em sala de aula.

Dessa forma, devido a diversidade existente no âmbito escolar a professora articulava suas interações de acordo com a subjetividade de seus alunos, uma vez que, se utilizava dessa perspectiva no mediar do seu ensino. O processo de ensino-aprendizado na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança (OLIVEIRA, 2001, p.62). Portanto, assim como o aluno é o sujeito principal do processo de aprendizagem, é a partir dos seus conhecimentos que estão em construção, é que deve ser o fator fundamental do planejar, organizar, articular o como, porque e para quem ensinar.

5.5. Os Desafios da Professora no Processo de Alfabetização Pós Pandemia

No referido item, é realizado análises acerca dos desafios enfrentados pela professora Ana, os quais são decorrentes do período pós-pandêmico, no qual os alunos perpassaram praticamente dois anos em isolamento, sem frequentar o âmbito escolar, tendo em vista que, o ensino a distância não ocorreu. Assim sendo, tendo por base os dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com a professora, e as observações em sala de aula.

Partindo do pressuposto, no qual o sujeito é um ser que se constitui por meio das interações no âmbito social, se tornando gradativamente um ser humanizado acerca das internalizações a ampliações de conceitos adquiridos culturalmente, se transformando cada vez mais, bem como, desenvolvendo novos paradigmas, é que se tem a necessidade de identificar os desafios decorrentes do contexto pandêmico, uma vez que, o isolamento social impactou diretamente o desenvolvimento, a aprendizagem e a escolarização dos pequeninos. Nesse sentido, segundo um estudo realizado pela UNICEF (2022) constatou que:

A análise dos dados da primeira Pesquisa Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 indicou que a suspensão das atividades presenciais como medida de contenção do contágio atingiu praticamente todas as escolas de educação

básica no Brasil em 2020 (99,3%). Principal achado: O período médio de fechamento das escolas foi maior na rede pública (UNICEF, 2022, p.16)

Logo, fica evidente que o isolamento social ocasionou implicações mais pertinentes na educação de alunos da rede pública, já que o índice acima demonstra que o fechamento foi mais intenso nas escolas públicas. Diante disso, levando em consideração, que para o sujeito se desenvolver em sua integridade, é fundamental manter as inter-relações de trocas com diferentes grupos, tendo assim, ampliações diante da sua subjetividade em construção.

Logo, Vigotski vê todo o processo de aprendizagem e formação de conceitos como um sistema, que ele considera ponto central em toda a história do desenvolvimento de conceitos espontâneos e científicos (VIGOTSKI, 2000, p.14). Em vista disso, o processo de formação do indivíduo decorre de experiências, isto é, aprendizados do cotidiano para com os científicos, obtendo assim uma interligação entre ambos que conseqüentemente se tem como resultado dessa sistematização a construção de um ser mais humanizado.

Entretanto, para que essa atividade ocorra, é imprescindível se ter um contato constante, diário, logo, com as restrições da COVID-19 esse procedimento voltado para a escolarização não ocorreu por volta de dois anos, comprometendo assim, a aprendizagem dos alunos, principalmente no ramo da alfabetização.

À vista do exposto acima, a maior parte de formação de aprendizado do indivíduo se dá por meio das trocas sociais, assim sendo, serão apresentados recortes do diário de campo referentes aos episódios registados em sala de aula. Pois, se busca evidenciar os desafios do alfabetizar que norteiam a prática pedagógica da professora, desenvolvida na turma do 1º ano do ensino fundamental.

Dessa forma, é importante ressaltar que o processo de alfabetização se inicia nos primeiros anos do ensino fundamental, o qual proporciona ao indivíduo sua inserção ao mundo da leitura, escrita por intermédio das decodificações semióticas, isto é, apropriação dos signos, e símbolos que se encontram na Língua Portuguesa, logo é fundamental haver uma escolarização continua para se garantir ao máximo a aquisição da linguagem.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2018, p, 59)

Á vista disso, posteriormente, ao longo das observações realizadas notei que a professora Ana estava com determinadas dificuldades para efetivar as atividades de leitura com seus alunos, pois segundo ela “*estão sendo alfabetizados*”, já que vieram desse contexto “*zerados*” tendo em vista que houve um índice significativo de alunos que ao retornarem para o cotidiano da escola¹ estavam com dificuldades nesse processo do desencadear a aquisição da linguagem.

O quadro, descrito a seguir, expõe três trechos referente as entrevistas realizadas com a professora nos anos de 2020, 2022 e 2023

Quadro 1- Diário de Campo

Dados de 2020
Olha mana as dificuldades é o material né porque a gente tem que confeccionar e com o nosso dinheiro porque ninguém dá pra gente é complicado, assim no início da matrícula os pais dão material E.V.A, papéis, folha de quarenta quilos, cartolina papel cartão e a gente vai confeccionando. A gente deveria ter um computador, mas não temos, Datashow tem um na escola, mas é pra todas as turmas, ai temos que agendar e reservar o dia em que cada professor quer usar ou fica complicado, temos a televisão e os alunos do 4 ^a ao 5 ^a ano são os que mais precisam desses vídeos, do Datashow. Então o 4 ^a ao 5 ^a ano precisam ser mais trabalhados.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2020

Quadro 2 – Diário de Campo

Dados de 2022
No primeiro ano como eles estão dois anos fora da sala de aula então nossa eles vieram esse ano mana praticamente estão sendo alfabetizados, quando eu iniciei em março eu tive que pegar na mão de algumas crianças porque não sabiam pegar um lápis, então no primeiro ano a dificuldade que a gente tem é essa é no nome deles que eles ainda têm, quando eles estão em aula na educação infantil tudo bem, eles já vinham praticamente sabendo o nome deles, mas agora com essa pandemia eles vieram sem saber fazer o nome, então é assim, como tem aquelas crianças que tem um nível melhor, que a família ajuda em casa e outros o nível é baixo a família não ajuda, eles não em condições de fazer um reforço fora, ai a gente precisa ter muito material pra tá trabalhando com eles essa questão da leitura e da escrita, e ai através disso é que a gente precisava de alguém mais pra dar um apoio pra gente na sala de aula porque são muitas crianças, mas nós não temos né, só quando a criança é especial, quando tem uma deficiência que ele tem o profissional de apoio.
<i>Eu: Então a pandemia interferiu muito nesse processo? E esse foi um dos fatores que a senhora mais identificou?</i>
Prof. Sim, com certeza identifiquei porque nossa! Todos os anos as crianças do primeiro ano eles já venham fazendo o nomezinho, já conhecem as letras, mas claro que tem criança que dependendo das limitações ainda não conhecem, mas esse ano as crianças vieram sem conhecer as vogais e eu to até agora nós já estamos em maio, findando maio tem criança que ainda não fixou que ainda conseguiu assimilar direito as vogais

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

Diante dos dados acima, é possível constatar que em 2020 as dificuldades da professora para potencializar a alfabetização se encontravam atreladas aos materiais didáticos, bem como

¹ Diálogo referente ao retorno dos alunos para o âmbito educacional após o período Pandêmico da Covid -19

algumas tecnologias. Á vista disso, sua “única” dificuldade que era a elaboração dos materiais pedagógicos, em 2022 se tornou mais desafiador promover a aquisição da leitura e escrita de seus alunos, pois os fatores relatados pela educadora partem do pressuposto do quanto a pandemia interferiu no desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, “só o processo de aprendizado da leitura e da escrita (desencadeado num determinado ambiente sócio-cultural onde isso seja possível) é que poderia despertar os processos de desenvolvimento internos do indivíduo que permitam a aquisição da leitura e escrita” (VYGOTSKY, 2000 apud OLIVEIRA, 2000, p.56) Dessa forma, uma das condições que mais interferiu na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, foi o não contato com o ambiente escolar, o qual proporciona aos pequeninos experiências significativas, pois é a partir das relações intersubjetivas vivenciadas em sala de aula é que a aprendizagem se torna potencializada.

Desta forma, a pandemia desencadeou uma gama de desafios, os quais segundo a professora Ana corroboram no estágio do princípio de alfabetização, isto é, iniciar praticamente do zero esse processo com as crianças. Visto que, seus alunos ao retornarem não sabiam nem escrever seu nomezinho, não sabiam reconhecer as vogais/alfabeto, dentre esses aspectos descritos.

Por conseguinte, a professora ressalta que as crianças que estão “*em um nível melhor*” são as quais obtiveram apoio familiar para a realização das atividades á distancia, mas já as crianças de “*nível mais baixo*” são as quais não tiveram incentivo, ajuda. Acerca disso, para Fontana (1998, p. 84) “o universo da linguagem chega à criança mediado por outros membros do seu grupo social” pois é imprescindível que no âmbito familiar haja os estímulos iniciais da criança para com a linguagem, fator no qual é primordial para tornar ela um aprendiz com curiosidade pelo aprender, mas como se é observado na fala da educadora o não apoio dos pais resultou consequentemente ao retrocesso do aprender.

Assim sendo, foi mais pertinente para as crianças que se encontram em um determinado nível de vulnerabilidade, no sentido do incentivo por parte dos pais, que em determinados casos os fatores externos afetam diretamente no ensino, logo, o rendimento se torna retrógrado. Visto que, as bases do conhecimento trabalhados no primário se perderam, circunstância que é evidenciada pela professora durante a entrevista, “*quando eles estão em aula na educação infantil tudo bem, eles já vinham praticamente sabendo o nome deles*”

Na escola, a criança e o adulto interagem numa relação social específica a relação de ensino. Sua finalidade imediata, a de ensinar e aprender, é explícita para seus participantes, que nela ocupam lugares sociais diferentes: a criança, no papel de aluno, é colocada diante da tarefa de “compreender” as bases dos conceitos sistematizados ou científicos, o professor é encarregado de orientá-la. Nessas condições, a participação do adulto é deliberada e explícita tanto para ele quanto para a criança. Cabe ao adulto, no papel de professor, possibilitar a criança o acesso aos conceitos sistematizados, procurando induzir nelas formas de raciocínio e significado. (FONTANA, 1998, p. 111)

Em vista disso, o papel que o professor tem é complexo e singular, pois é por intermédio dos seus ensinamentos, correlações dos conhecimentos científicos para com os prévios requer muita responsabilidade, bem como, competência, ademais estimular, proporcionar relações intersubjetivas de cunho assimilativo, não é fácil.

Desse modo, as análises anteriormente dos dados coletados em 2020 e 2022, evidenciaram mudanças drásticas no quadro de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, com o objetivo de realizar uma comparação do nível de aprendizagem dos alunos do ano de 2021 que não tiveram ensino na educação infantil, e ingressaram diretamente para o primeiro ano em 2022, para com os que vieram de 2023 já obtendo o contato com a educação infantil, de forma sequencial para o ensino fundamental.

Ademais, os trechos da entrevista realizada com a professora Ana, se constatou as seguintes lacunas.

Quadro 3 – Diário de Campo

Dados de 2023
Não é assim olha, ano passado eles voltaram de uma pandemia né? E aí o que é que eu percebi, que inclusive eu estava até conversando com a minha colega, eu disse assim: esse ano mana, eu peguei uma turma que tiveram aula ano passado praticamente o ano todo, praticamente não, tiveram aula o ano todo em 2022 e eles voltaram em um nível muito baixo, por exemplo: eu tenho crianças que eu to fazendo pontilhado pra eles cobrirem primeiro ano, como se essa criança, não tivesse estudado ano passado, e ele estudou o ano passado o ano todo na educação infantil. Aí, aí eu fico assim, em relação aos que eu tive ano passado, que tiveram a pandemia em 2021 vieram muito melhor, as crianças do ano passado, eu recebi criança que já estava lendo, aí essa criança estudou a onde? Em casa com a família, ou a mãe, a família pagou um professor particular colocou dentro de casa ou mandou essa criança ir pra algum lugar estudar, entendeu? Mas eles vieram ano passado criança lendo.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Diante do exposto acima, é possível identificar as seguintes mudanças atreladas ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos da professora Ana, tais como:

No período de 2020, ano no qual as crianças já se encontravam em isolamento social, os relatos da educadora em termos de desafios na alfabetização estavam voltados para os materiais pedagógicos, dado que, os recursos não eram suficientes para se obter ferramentas educacionais de maior qualidade. Já no ano de 2021 com a intensificação dos casos da COVID-

19, a tentativa de manter um “ensino a distância” não teve desfecho positivo, corroborando na não continuação das entregas de atividades para os pais realizarem em casa com seus filhos/as.

Em sequência no ano de 2022, com o retorno das crianças para a sala de aula, a professora ao realizar uma sondagem com seus alunos, a qual tem como finalidade identificar o nível de alfabetização do alunado constatou as seguintes dificuldades: *não sabiam redigir seus nomes, nem se quer o primeiro, tinham dificuldade para segurar o lápis, não tinha matérias com mais qualidade, era necessário ter mais um educador em sala de aula.*

Já em 2023, não houve tantas mudanças, uma vez que, segundo a educadora *“tiveram o ano todo de 2022 aulas, mas voltaram em um nível muito baixo”*, dado que a partir da sondagem realizada em sala de aula, algumas crianças ainda escreviam somente com pontilhados (cobrindo as letras), pois de acordo com Ana, era *“como se não tivessem estudado na educação infantil”*.

Partindo dos pressupostos elencados acima, é perceptível que as crianças do ano de 2021 não realizaram o ensino presencialmente, conseqüentemente ao chegarem em 2022 no primeiro ano perpassaram por dificuldade na aquisição da linguagem, devido a não continuidade desse ensino, isto é, a sequencial da educação infantil para o ensino fundamental, aspecto no qual é essencial. Visto que a BNCC aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses. (BRASIL, 2018, p.57)

Sendo assim, a educação infantil é a fase inicial da aprendizagem da língua escrita, constituindo, segundo Vygotsky, a pré – história da linguagem escrita (SOARES, 2021 apud VYGOTSKY, 1984, p.141). Acerca disso, é na educação infantil que a criança vai se constituindo, e percebendo o mundo letrado, os sistemas de representações existentes na sociedade, isto é, os signos, as ferramentas e a linguagem fatores que são a mediação do sujeito imerso ao meio social. Sendo que, as primeiras manifestações da escrita, da leitura em termos de ensino ligado a escolarização ocorre na escola, onde as crianças vão construindo seus primeiros rabiscos, grafismos com significação e direcionamento.

Dessa maneira, como não houve experiências, vivências por parte das crianças na educação infantil, devido a pandemia, conseqüentemente não se teve um ensino contínuo, não

houve uma sistematização dentro do processo de escolarização para então haver um desenvolvimento sequencial. Todavia, apesar dos alunos do ano de 2023 terem tido o ensino “normalmente” dando sequência nesse processo de escolarização, ainda assim, as dificuldades foram intensificadas, sendo assim, ficam os questionamentos: *quais os motivos mais pertinentes por trás dessas dificuldades*”? *O que houve no decorrer desse ensino que os alunos pouco se desenvolveram*?

Dessa forma, em meio as análises referentes as entrevistas cedidas pela professora, se observou os referidos fatores, que de certa forma interferiram para um melhor e/ou menor desenvolvimento dos alunos no processo de aprendizagem. Primeiramente, como já se evidenciou anteriormente o público alvo mais prejudicado em termos de acesso ao ensino a distância foram os alunos da escola pública, na qual está concentrada uma significativa parcela da sociedade com nível socioeconômico baixo ou mediano.

Á vista disso, segundo a professora Ana, os alunos que voltaram da pandemia em um nível melhor, foram os quais receberam ajuda familiar, ou seja, dos pais ou um reforço externo com ajuda de professor particular, mas os alunos que vieram em um nível abaixo, já não tiveram ajuda nenhuma. Evidenciando assim, que as desigualdades sociais é que seriam responsáveis pelas diferenças de rendimento dos alunos na escola. (SOARES, 1989, p.12) Diante disso, um dos fatores que interferiu no desenvolvimento dos alunos foram as vantagens econômicas dos pais de poder garantir outras formas de dar continuidade a escolarização de seus filhos.

Outro aspecto foi o apoio familiar em incentivar as suas crianças em meio ao contexto pandêmico a não perderem o ritmo da aprendizagem. Dessa maneira, é necessária a presença de um adulto, de um meio social, que ajude a criança em um processo de aprendizagem que ocorre na interação educativa, seja de tipo formal como acontece na escola, seja informal como no caso da família. (SOLÉ, 1998, p.50). Para tanto, o apoio do âmbito familiar é imprescindível nesta etapa na qual a criança está se constituindo enquanto sujeito, pois é nesse contexto que os conhecimentos prévios são os pré saberes que serão posteriormente tendem a serem potencializados na escola.

Embora, ambos os fatores econômico e familiar terem de fato contribuído para que algumas crianças dessem continuidade em seu processo de ensino e aprendizagem, se certificou que em 2023 de acordo com a professora Ana o nível de seus alunos se encontram bem baixos devido aos seguintes critérios.

Dados destacados nos quadros a seguir:

Quadro 4 – Diário de Campo

“Eu tenho crianças que eu to fazendo pontilhado pra eles cobrirem”.
“Em relação aos que eu tive ano passado que tiveram a pandemia em 2021 vieram muito melhor”.
“Eu recebi criança que já estava lendo, ai essa criança estudou a onde? Em casa com a família ou a mãe”.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Quadro 5– Diário de Campo

Então eu já relatei tudinho, aquelas crianças que estão com dificuldades e precisam de uma ajuda na casa tanto da família ou eu não sei, de reforço porque as vezes a criança não aceita estudar com a mãe, e ai eles vão arrumar alguém, uma pessoa pra ensinar particular porque assim, agora que eles vão ser alfabetizados, é agora no primeiro ano, é o ciclo da alfabetização do primeiro ao terceiro né só que assim, devido eles não serem muito, são aquela criança que quer mais brincar, não é esforçada, que não tem muito esse hábito porque a família, quando a criança chega na casa a família não procura olhar o caderno, ver se levou uma atividade, as vezes eu cobro no grupo porquê do jeito como eu mando atividade pra fazer em casa volta, as vezes eles não trazem o caderno pra colar atividade, mando pra família colar na casa, e não cola volta do mesmo jeito na mochila. Então eu já chamei eles, já conversei e eles me prometeram que vão ajudar.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

No primeiro quadro a educadora Ana realiza uma comparação relacionada ao nível das crianças de 2021/2022 para as de 2023, que segundo ela, embora as crianças do ano passado não terem mantido contanto sistemático na escola ainda assim o apoio dos pais foi fundamental ao longo desse processo, uma vez que, Ana recebeu alunos que já sabia ler, isto é, estavam devidamente alfabetizados. Todavia, é importante ressaltar que apesar desse feito, os desafios mediante a alfabetização ainda eram pertinentes.

Em vista disso, os alunos deste ano que tiveram o ensino normalmente na educação infantil e posteriormente avançaram para o ensino fundamental, de acordo com a professora ainda persistiam as dificuldades em se tratando da alfabetização, uma vez que, seus alunos deste ano para conseguirem escrever, retrocederam ao ponto de precisarem utilizar os pontilhados, isto é, a técnica de cobrir as letras.

Nesse sentido, os dados acima, são apenas um reflexo das lacunas ocasionadas pela pandemia, visto que, os estudos realizados pela UNICEF (2022) dar ênfase para o seguinte apontamento:

É necessário dispensar atenção especial às crianças que ingressaram ou ingressarão no ensino fundamental em 2022, 2023 e 2024, pois elas pouco viveram a educação infantil

presencial em 2020 e 2021. Para tanto, será importante buscar uma ação mais articulada entre essas duas etapas de ensino para que se possam compensar possíveis perdas de aprendizado das crianças com o fechamento físico das escolas. (UNICEF, 2022, p. 85)

Em decorrência do exposto acima, os alunos da professora Ana são apenas uma pequena parcela prejudicada em prol do isolamento social, voltado ao nível de desenvolvimento e aprendizagem. À vista disso, os desafios da professora têm aumentado, pois, sua tentativa para que seus alunos progridem é contar com a participação dos pais nesse processo, uma vez que, o incentivo familiar é uma parcela importantíssima dessa sistematização do ensino.

Entretanto, é perceptível que as crianças apesar de terem participado do processo de formação na educação infantil, chegaram no primeiro ano estando no nível alfabético “*silábico sem valor sonoro*” sendo assim, quais seriam os fatores mais prejudiciais que ocasionou nesses danos em terno e linguagem? Seria a falta de ações pedagógicas mais articuladas? Seria a não participação ativa dos pais? Ou a falta de políticas públicas educacionais?

Quando se focalizar a dimensão individual, o alfabetismo é visto como um atributo pessoal, referindo –se a posse individual de habilidades de leitura e escrita. Quando ao contrário, se focaliza a dimensão social, o alfabetismo é visto como um fenômeno cultural, referindo se a um conjunto de atividades sociais, que envolvem a língua escrita, e a um conjunto de demandas sociais de uso da língua escrita. (SOARES, 2021, p.151)

Por conseguinte, ao longo da discussão traçada, é perceptível o quanto os conhecimentos prévios constituídos ao longo da base familiar são imprescindíveis, se tratando do primeiro contanto do ensinar para as crianças. Sendo assim, ter uma interligação entre família e escola é fundamental, tendo em vista que o ensino requer uma sistematização.

Todavia, são diversos os efeitos em grande escala proporcionado pela pandemia, pois a dimensão do alfabetismo demonstra que para alfabetizar devidamente crianças é necessário muito mais que somente a base familiar e a escolar sejam os pilares mais significativos. À vista disso, primeiramente que para alcançar êxito no processo de alfabetização dos pequeninos é fundamental que as políticas públicas se tornem mais adequadas relacionadas aos danos que o isolamento ocasionou.

Sendo que, a linguagem é uma forma de poder, e que de acordo com o cenário político que dita as regras em relação a forma como deverá ocorrer o processo de escolarização, é que se encontra vinculado às estratégias políticas, logo, um dos maiores desafios do sistema educacional é vencer a instabilidade do ensino em termos de como ele deve acontecer, isto é as políticas educacionais sempre estão se modificando, ocasionando assim em um sistema instável e consequentemente afetando a aprendizagem do sujeito.

Dessa maneira, já que, conhecimento é poder, e a dimensão social da linguagem quando bem trabalhada, tem por objetivo estimular e desenvolver o indivíduo a ser crítico, ativo, ou seja, ler o mundo criticamente, se posicionar em termos políticos, culturais, sociais, desenvolvendo novos paradigmas, é uma habilidade perigosa para quem se encontra no poder (sem generalizar).

Portanto, a pandemia demonstrou o quão imprescindível o contato dos alunos para com a sala de aula é indissociável, uma vez que, é nesse ambiente de aprendizagem que são constituídas, articuladas e desenvolvidas as mais diversas formas de ensino, já que são aspectos que desencadeiam, potencializam as funções mentais superiores da criança perpassando por suas maturações e principalmente alterações significativas do aprender e apreender. Para tanto, é importante que as medidas desenvolvidas para minimizar os impactos em termos de alfabetização precisam ser mais articuladas, sistematizadas de acordo com os contextos sociais.

5.6 . O Redimensionar Pedagógico no Processo de Alfabetização

No presente item, é apresentado uma breve descrição acerca do redimensionar pedagógico da professora, isto é, as atividades desenvolvidas por ela com o objetivo minimizar os impactos da pandemia no processo de alfabetização de seus alunos.

Partindo do pressuposto, de que a linguagem é um fator decorrente de interesses ideológicos, a qual se encontra atrelada a concepções de poder, isto é, o sujeito que adquire a linguagem de forma precisa tem suas vantagens, é privilegiado. Diante desse aspecto, há os resquícios das diferenças sociais linguísticas marginalizadas e que como reflexo primordial desencadearam os índices de analfabetismo que infelizmente decorrem desse contexto.

Nesse sentido para o sociólogo Bourdieu (1989 apud SOARES, 1989, p. 55) “é fator essencial e determinante do uso da linguagem: as condições sociais concretas de instauração da comunicação. Não se pode dissociar a linguagem da estrutura social em que é usada”

À vista disso, ao elaborar suas estratégias de ensino é imprescindível que o educador realize seu planejamento de forma didática buscando fomentar suas práticas pedagógicas em consonância com o contexto do aluno, configuração na qual Bourdieu (1989 apud SOARES) designou de “caracterização das condições sociais” averiguando assim uma reintrodução rica e diversificada diante do processo da leitura e escrita.

Ademais, para dar consistência nas análises, se utilizou autores como Braggio (1992) que em seu postulado teórico realiza críticas em relação a linguagem, que é uma mera

ferramenta a ser adquirida de forma monótona e mecânica, dessa forma, o processo de aprendizagem do sujeito é passivo e acrítico. Nesse sentido, sua vertente de estudo se encontra correlacionada ao de Vygotsky (2000) que em sua perspectiva sociointeracionista evidencia que para a aprendizagem precisa ter uma significância, é imprescindível que o educador trabalhe mediante aos aspectos sociais, culturais da criança, visto que ela é um ser histórico-ativo na sociedade, dentre outros.

Levando em consideração os desafios no processo de alfabetização evidenciados anteriormente, a professora Ana teve que redimensionar suas práticas pedagógicas, ou seja, dar um novo direcionamento em seus objetivos no sentido de como alfabetizar seus alunos que chegaram na escola praticamente com “zero” reconhecimento dos códigos linguísticos.

Tendo em vista, que as crianças não obtiveram contanto com a educação infantil, uma vez que, a pré-escola deveria cumprir a função primordial de permitir-lhes acesso a essa informação básica, através da qual o ensino adquire um sentido social (FERREIRO, 1988, p.100) pois, é mantendo a aprendizagem constante na educação infantil que a criança desenvolve gradativamente sua aquisição referente aos pequenos códigos alfabéticos, entretanto, os alunos da professora Ana que não obtiveram a escolarização sequencial, e consequentemente retornaram com uma grande dificuldade, fator este que impactou diretamente as dimensões cognitivas, sociais das crianças

Diante disso, a professora elaborou juntamente com a escola projetos de leitura e escrita com o objetivo de trabalhar e envolver a família do alunado, para que assim o incentivo seja mutuo e enriquecedor. Dessa forma, os episódios a seguir, são resultados do projeto desenvolvido pela educadora nos anos de 2022 a 2023, que segundo a professora *“projeto que nós temos para primeiro e segundo ano porque na sala de leitura primeiro e segundo ano não vão pra lá e a gente faz a “sacola viajante”*.

Uma das formas de potencializar a aprendizagem da linguagem é por meio das trocas estabelecidas no âmbito social, que de acordo com Vigostski (2000, p. 412) “o pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra” se realiza nas palavras que é principal base para criar as mais diversificadas relações sociais.

A imagem abaixo, demonstra o aluno John socializando a história “ Por que tamanho não é documento? ”

Figura 1 – Aluno socializando a história “ Por que tamanho não é documento? ”



Foto: Pesquisa de Campo (Maio, 2022)

Para tanto, o projeto “sacola viajante” consistia da seguinte forma, a cada semana um aluno levava para a casa um livro de leitura, com a finalidade de realizarem a leitura com os pais, assim sendo, na aula de leitura o aluno realizava a socialização para os demais colegas, ressaltando qual parte da história havia gostado mais. Em seguida apresentava uma ficha referente ao livro para a professora.

Quadro 6– Diário de Campo

Ficha da Leitura
Livro: Por que tamanho não é documento?
Autor: Renata
Como: foi a leitura Com minha família (x) ou sozinho (...)
O que você achou da história: Curti (x) não curtir ()
E os desenhos são legais: Sim (x) Mais ou Menos () ou Não ()
Registre por desenho a história que você leu: Desenho final

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

Desse modo, o presente projeto contribui para que a criança expresse suas ideias, entendimentos, acerca do livro por ela lido, dando assim, autonomia perante sua socialização.

Quando uma criança aprende a ler, já pode ler de tudo e também pode ler para aprender. Em seu conjunto, elas nos fazem ver que, se ensinarmos um aluno a ler compreensivelmente e aprender a partir da leitura, estamos fazendo com que ele aprenda a aprender, isto é, com que ele possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações. (SOLÉ, 1998, p. 47)

Portanto, o aluno John, é o qual sabe ler, embora com dificuldades na pronuncia, mas com um reconhecimento do conjunto das palavras acentuado, por esse motivo foi o primeiro aluno “base” de exemplo para os demais colegas, em relação da prática sobre de leitura. Diante disso, ao socializar para os colegas seu entendimento acerca da história, se torna perceptível a importância de dar autonomia para as crianças.

À vista desta dinâmica da leitura socializada, a professora almeja desencadear não somente o interesse do aluno, como também avaliar seu nível de leitura e escrita, em razão de que a leitura precede regularmente a escrita (FERREIRO, 1988, p.35) para esse intuito é importante analisar o nível de leitura dos alunos, sendo que é a partir da consciência fonológica, vai sendo desencadeado a habilidade de reconhecer os códigos linguísticos, para então desenvolver a escrita sistematizada.

Logo, a dinâmica da sacola viajante faz com que os pequeninos se sintam mais participativas e contribuintes em sala de aula, as inter-relações ocorridas durante a apresentação de John para com os demais despertou em seus amigos a vontade de aprender a ler. Para tanto, é fundamental que a professora desencadeia a prática do letrar desenvolvendo habilidades de leitura, interpretação e produção de texto (SOARES, 2020, p.33) já que estar na frente, apresentando sua leitura, socializando (papel no qual geralmente é a professora que toma as rédeas) para as crianças além de ser significativo e inovador, é também pequenos desencadear da prática de interpretação, leitura do texto.

Em sequência, para identificar os níveis de alfabetização de seus alunos a educadora realiza a “*Diagnose da escrita*”, pois, a referida atividade tem como objetivo avaliar a autonomia do aluno por meio da escrita, antes de iniciar a atividade a professora explica para os alunos qual será o procedimento ditado.

Diagnosticar o nível de compreensão da escrita em que se encontram as crianças tem, para a ação educativa de alfabetizar em situação escolar, objetivos pedagógicos: a partir desse diagnostico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, a avançar. (SOARES, 2020, p.57)

Segundo a professora, a diagnose sempre é realizada, uma vez que, é fundamental para se situar de como ela deverá elaborar as suas estratégias de ensino referente aos diferentes níveis de desenvolvimento daquele aluno voltado para a escrita e leitura, em razão de redimensionar suas metodologias de acordo com os níveis da linguagem de seu alunado. Assim sendo, as imagens abaixo são referentes a escrita de um dos alunos com maior dificuldade

Figura: 2 e 3 - Atividade desenvolvida por um aluno com dificuldade na escrita

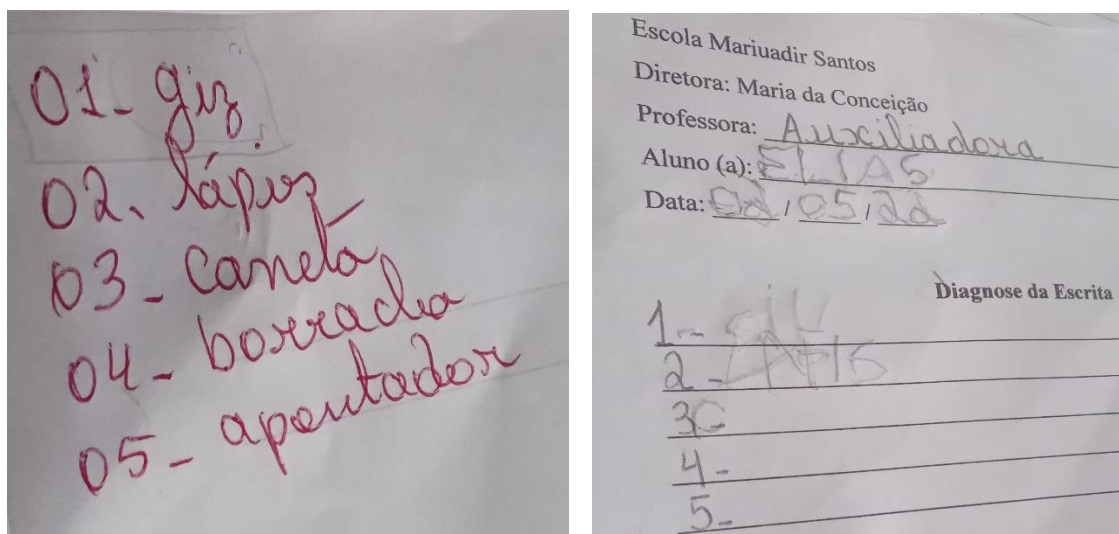


Foto: Pesquisa de Campo (Maio, 2022)

Diante das imagens acima, é possível observar que o aluno se encontra no nível silábico sem valor sonoro, que segundo a professora é quando a criança escreve as palavras de forma aleatória isto é, ela tem a noção de que as palavras são escritas somente por letras, todavia não sabe formar a palavra por inteira. Como se é perceptível na segunda imagem a escrita do aluno ao transcrever após a professora ditar a palavra “caneta” a criança apenas escreve a letra “c” sem associar que precisa da letra “a”, já na palavra “giz” ele escreve de forma aleatória utilizando as letras “ci” e o número “4” ao contrário.

Em vista das dificuldades apresentadas por seus alunos, Ana proporcionava sempre atividades na qual o aluno participava e interagia ativamente em sala de aula, nesse sentido ao aplicar a atividade “*Separação de Silabas*”, a qual tem por intuito identificar se os alunos conseguem separação as silabas, bem como, desenvolver a habilidade da aquisição fonológica dos alunos.

Figura 4- Aluna realizando separação de silaba da palavra “Picolé”



Foto: Pesquisa de Campo (Agosto, 2022)

Quadro 7– Diário de Campo

Explicação da Professora
Professora: vocês têm que saber separar agora, para separar a sílaba vocês vão fazer isso aqui. “ga – to” e a palavra “picolé” Vocês falaram que tem quantas sílabas? Professora: “pi – co – lé” Alunos: “três”! Então bora lá separar a palavra “picolé”. E agora? Separem pra mim aí, é Larissa vem cá, separe aqui pra mim a palavra “picolé”.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

Como podemos observar na imagem e no dialogo acima, a aquisição da linguagem é trabalhada pela professora de forma interativa e dinâmica, uma vez que, dar a possibilidade para que cada aluno seu se dirija ao quadro e realize a separação das sílabas de cada palavra, gerando assim autonomia e participação ativa das crianças mediante ao processo de aquisição da linguagem.

É por meio de experiências com textos lidos e da orientação da/o alfabetizadora/or que as crianças vão pouco a pouco o conceito de palavra e desenvolvem a capacidade de segmentar frases em palavra. Por isso é necessário já nas fases iniciais do processo de conceitualização da escrita, que muitas atividades se baseiem em palavras destacadas de textos – palavras de parlendas, cantigas, histórias em atividades de leitura, escrita ou jogos lúdicos. (SOARES,2020, p. 78)

Entretanto, é valido ressaltar que as técnicas, os métodos de alfabetização são fundamentais durante a formação de entendimento do alunado, mas desde que haja uma contextualização, pois adquirir a habilidade de ler e escrever vai muito além da decodificação e repetição sonora das letras. Como foi notório na dinâmica participativa da professora Ana, as palavras da atividade eram soltas, não havia uma interligação da palavra relacionada a um texto, ou algo do gênero, aspecto no qual acaba reforçando a aprendizagem alfabética da língua com palavras, letras fora de texto, sem sentido e significação.

Ademais, mediante as dificuldades de determinados alunos aprenderem a escrever seus nomes, a professora Ana criou o “Dia do Nome” com o objetivo de instigar as crianças a conseguirem redigir seu nome, nem que fosse o primeiro. A imagem abaixo é o registro do nome de cada aluno.

Figura 5 – Dinâmica do “Dia do nome” escrita dos alunos

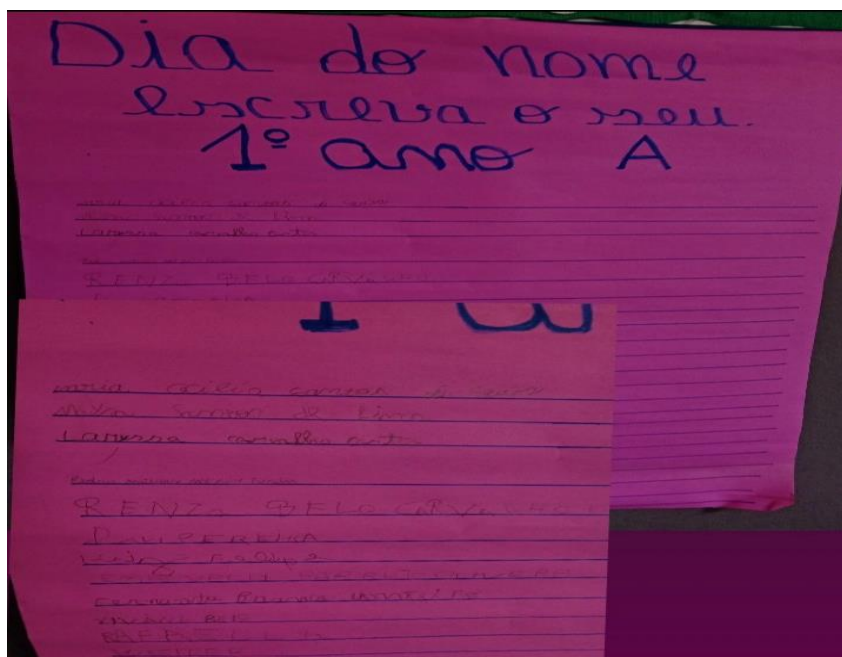


Foto: Pesquisa de Campo (Abril, 2022)

À vista disso, é importante atentar que a preocupação primordial da professora é justamente fazer com que as crianças desenvolvam a escrita de seus nomes, todavia, algumas crianças só conseguiram “aprender” porque tiveram como recompensa bombons. Isto é, “há uma excessiva preocupação com a decodificação mecânica da linguagem escrita, com perda quase total do significado no processo de aprendizagem” (BRAGGIO, 1992, p. 10).

Dessa forma, vale ressaltar que, obviamente é importante a criança saber com autonomia escrever seu nome, mas esse aspecto não pode se tornar ponto principal da aprendizagem dos pequeninos, pois ao longo das observações constatei uma preocupação acentuada por parte da professora, para que seus alunos conseguissem escrever sem que para eles aquele ato fizesse sentido.

Perante cada estímulo ou conjunto de estímulos, espera –se que o aprendiz responda, dizendo, escrevendo, fazendo ou indicando alguma coisa. Nesse sentido é de grande ajuda informar o aluno a respeito das respostas dele esperadas, mediante orientações verbais, gráficas ou escritas. (BORDENAVE; PEREIRA, 2000, p. 43)

Em consonância com o autor acima, é relevante que antes de realizar qualquer atividade em sala de aula, o educador apresente para os alunos o objetivo e o que ele espera para que assim, a criança tenha discernimento sobre o que fazer, para que realizar essa atividade dentre outros. Pois é fundamental que a criança tenha noção da sistematização dos procedimentos didáticos proporcionados pela educadora, dessa forma, terá uma significância.

Dessa maneira, outra ferramenta na qual a professora utiliza para desencadear a alfabetização é a rima, por meio de músicas elaborada pela professora, atividade na qual se tem por finalidade que os alunos consigam identificar as vogais de forma dinâmica e significativa. Segue abaixo a rima:

Quadro 8– Diário de Campo

Seu Dadá comeu Mapará, ficou barrigudo com cara de A Seu Dedé comeu Jacaré, ficou barrigudo com cara de E Seu Didi comeu Jabuti, ficou barrigudo com cara de I Seu Dodô comeu Mocotó, ficou barrigudo com cara de O Seu Dudu comeu Tatu, ficou barrigudo com cara de U
--

Fonte: Pesquisa de Campo (Abril, 2022)

Tendo em vista, que na atividade anterior a professora trabalha a atividade de separação silábica, para que assim os alunos desenvolvem a percepção sonora, isto é, adquirem a consciência silábica. Nesse sentido, são necessárias atividades que desenvolvam sua capacidade de voltar a atenção para os sons da palavra, não para o seu significado (SOARES, 2020, p.80) A partir dessa perspectiva, Ana trabalha a rima com seus alunos, já que a próxima habilidade a ser desencadeada é justamente consciência fonêmica, e consequentemente a consciência lexical, logo, ela vai apresentando as letras, as palavras e suas sonoridades para a formação da escrita.

Por conseguinte, por meio da música a professora explora os seguintes aspectos: a formação das palavras Dadá, Dedé, Mapará, Jacaré, e assim por diante, bem como o som que por intermédio da rima facilita a assimilação, visto que Ana utiliza elementos presentes no cotidiano do alunado, para que assim a rima faça sentido para as crianças, sempre realizando indagações para averiguar se os alunos estão de fato assimilando com significância: *com qual letra inicia e termina a palavra, é vogal ou consoante? Explica para seus alunos a sílaba tônica. Professora: com qual letra é formada a palavra “Dadá”, “Mapará”?*

As crianças ainda não sabem ler, mas leva-las a observar a escrita das palavras destacando a primeira sílaba, como fez a professora, já as encaminha para a compreensão de que a escrita representa a fala, e que segmentos de sons iguais se escrevem com as mesmas letras, desse modo aproximando-as do fundamento do

princípio alfabético: a escrita representa sons da fala, sons que se repetem em palavras são escritos com as mesmas letras. (SOARES 2020, p.82)

Dessa forma, a professora estimulava a percepção visual, sonora dos alunos, com o intuito de fazê-los perceber como se é realizada a escrita, já que uma das metodologias que a professora buscava interligar as técnicas do alfabetizar a contextualização de seus conteúdos, com o intuito de valorizar os aspectos socioculturais. Desse modo, ela dialoga com seus alunos: *vocês já comeram tatu?* Assim sendo, as crianças têm liberdade e se sentem participativos da aula, relatando suas experiências, se já comeram ou não, se gostaram ou não, logo as crianças vão obtendo mais interesse em aprender.

Já no ano de 2023 segundo a professora Ana seus novos alunos que obtiveram um ensino sequencial, isto é, vieram do ano de 2022 já mantido contato com a educação infantil, chegaram no ensino fundamental em uma situação com um significativo atraso, aspecto no qual levou a educadora mais uma vez a se reinventar, ou seja, redimensionar e ampliar mais ainda suas práticas de alfabetização. Sendo assim, a professora relata algumas das suas estratégias, bem como os motivos pelos quais seus alunos se encontravam com tamanha dificuldade. Veja abaixo no quadro:

Quadro 9– Diário de Campo

ESTRATEGIAS DE ALFABETIZAÇÃO EM 2023
Mana várias estratégias, esse ano eu estou com as meninas do PIBIC, e aí elas estão me ajudando muito, e assim as atividades é tudo diferenciado, de acordo com o nível. Essas cinco crianças eu tenho que trazer atividades pra elas assim bastante avançada, aí o que é que acontece, eu tive que preparar materiais de leituras, porque por exemplo: se eu for pra livros, ou por exemplo aqueles livrinhos de leitura ou o próprio livro didático deles, eles não dão conta. Aí o que é que eu tô fazendo, eu preparei umas cartelas de leitura, o alfabeto móvel, tem criança que não conhece Talia as vogais, eu não sei, eu fico me perguntando: meu Deus essa criança estudou o ano todo, ano passado na educação infantil, aí a mãe diz: aí professora porque lá eu sempre falava porque não conseguia, que fazia bagunça, e não conseguia aprender nada, aí assim então você tem que tá ali com o material, atividade e o alfabeto móvel pra ir mostrando pra eles pra ver se eles conseguem, eles estão assim, só não querem sair da bastão, da letra bastão, poucos conseguem a cursiva que eu costumo falar pra eles que é a letra da mãozinha, pra ver se eles conseguem assimilar. Então assim, são plaquinhas de leitura, é o vídeo, eu mostro pra eles vídeo, tem o alfabeto, tem as palavrinhas e tem o som das letras entendeu? Pra eles, mas estou com muita dificuldade, preciso muito desses materiais, e essas meninas do PIBIC elas ficaram de levar uns também que elas estão construindo, junto a coordenadora dela pra que elas possam também estar me ajudando a trabalhar com eles.

Fonte: Pesquisa de Campo (Junho, 2023)

O referido quadro acima, evidencia algumas dificuldades da professora em sala de aula, pois segundo ela devido as crianças se encontrarem com bastante dificuldade o próprio livro didático não contribui para o nível de aprendizagem do alunado, levando a Ana a elaborar outras metodologias, das quais variam dependendo do nível de cada aluno. Sendo que, para redimensionar suas práticas e metodologias não foi fácil, uma vez que ela tinha pouco tempo para confeccionar jogos, que precisavam atender as especificidades de seus alunos.

Tendo em vista, que cada método tende a ser mais adequado para um grupo específico de crianças em diferentes lacunas, se exige uma atenção a mais, sempre levando em consideração que o aluno é o centro desse processo. De acordo com Soares (2016)

Métodos de alfabetização tem sido uma questão porque derivam de concepções diferentes sobre o objeto de alfabetização, isto é, sobre o que se ensina quando se ensina a língua escrita. Do que foi exposto para fundamentar essa resposta conclui – se que a aprendizagem inicial da língua escrita é um fenômeno extremamente complexo: envolve duas funções da língua escrita – ler e escrever – que se se igualam em alguns aspectos, diferenciam-se em outros, é composto de várias facetas – aqui consideradas como faceta linguísticas, faceta interativa e faceta sociocultural. (SOARES, 2016, p.32)

Diante do exposto acima, os métodos sempre foram pautas importantes para a aquisição da leitura e escrita, pois segundo os estudiosos na área educacional ele é um fenômeno complexo que vai desde as concepções linguísticas, perpassando pela interativa até a sociocultural, elementos dos quais precisam estar interligados.

Convenhamos, trabalhar somente a função da língua e sua fonética não terá sentido significativo para as crianças, assim como trabalhar somente a parte de contextualização, logo para se obter êxito nessa aprendizagem da linguagem é imprescindível haver uma sistematização dessas funções. Nesse sentido, é importante observar que, a aquisição da linguagem é vista como um processo mecânico, no qual a criança aprende a falar, quando estimulada a fazê-lo, isto é, a criança enuncia e repete sons vocais somente quando há um estímulo no ambiente (BRAGGIO, 1992, p, 9)

Para tanto, a professora parte do princípio da sondagem em seguida ela averigua os níveis de desenvolvimento em que seus alunos se encontram para que assim, comece o seu processo de ensino, e escolarização. Pois, ela sempre dá importância para o nível de cada criança, já que em sua turma tem somente cinco alunos já alfabéticos, e os demais de acordo com ela estão *“o nível deles a maioria é silábico sem valor sonoro, a maioria, eu tenho cinco alfabético que já estão prontos, que já leem, eu tenho mais ou menos uns dez alfabéticos com valor sonoro e tenho três pré silábico, e o restante silábico sem valor sonoro”*

Á vista disso, é fundamental que o educador tenha um olhar sensível e leve em consideração a subjetividade dos alunos sejam em níveis das suas dimensões de introspectividades, aos níveis de caracterização social, cultural.

Os sistemas funcionais de aprendizagem de várias crianças, ainda que sejam semelhantes, não podem ser tomados como idênticos. Há de se considerar as peculiaridades históricas e sociais de cada momento, mais especificamente, as condições e oportunidades que se colocam para cada uma delas. (PALANGANA, 2015, p. 141)

Assim sendo, é imprescindível a postura da educadora em considerar os níveis de desenvolvimento dos alunos, que de acordo com ela, sua sondagem é realizada *“de dois em dois meses porque ai eu vou vendo aquela criança que tá avançando de nível e aquela que tá ainda no mesmo nível. Olha em agosto quando eles voltarem eu já vou fazer outro teste com eles, outra sondagem que é pra ver quantos avançaram e quantos estão no mesmo nível anda”*.

Diante disso, se torna evidente o quão Ana é comprometida com a aquisição e avanço dos seus alunos em relação a alfabetização, aspecto no qual é necessário que, a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico e dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 1996, p.22) para tanto, a sociedade em tempos pandêmicos perpassou por modificações, das quais afetou os fatores psíquicos e sociais do sujeito, o que caracterizou nas dificuldades os pequeninos em aprender, e apreender com significância.

Portanto, a postura da professora em analisar as especificidades de seus alunos, identificando qual método e dinâmica seria o mais vantajoso para todos, se encontra atrelada ainda que inconscientemente pela educadora, aos fatores da dialética, isto é, Ana levou em consideração a dialética das mudanças que a pandemia trouxe modificando assim o cenário das inter-relações sociais. Dessa forma, refletiu sobre sua prática, quais seriam seus próximos planejamentos, individuais para o coletivo, envolvendo os pais, sempre vendo seus alunos como um sujeito participativo para intervir no mundo, uma vez que, este é um dos pilares essenciais para o desencadeamento e avanço gradativo da linguagem em termos de leitura e escrita.

5.7 Planejamento da Professora Relacionado a Leitura e Escrita

No referido quadro abaixo, é evidenciado os projetos de leitura elaborados pela professora Ana para contribuir no avanço de desenvolvimento e aprendizagem do seu alunado.

Quadro 10– Diário de Campo

PROJETO DE LEITURA DA PROFESSORA
A gente vai criar dentro da nossa sala de aula, por exemplo: eu, to desde uns acho que uns quinze dias, vinte dias que nós começamos, iniciamos o ano letivo, nos primeiros dias eu logo comecei sondar e ver né, então aquelas crianças que estão nesse nível ai baixo, que não conhece as letras, ai eu comecei a fazer porque o meu dia de Língua Portuguesa é segunda-feira, só que eu não posso trabalhar só dia de segunda a leitura, o que é que eu fiz, eu tirei dois dias na semana dia de segunda-feira no primeiro horário é só leitura, o segundo horário que eu começo a aplicar as atividades então eu faço a rodada de leitura com eles, no cantinho de leitura, é feito um círculo, ai a gente pega vários livrinhos de historinhas, plaquinha de leitura, musiquinhas ai quer dizer a gente trabalha o oral e o escrito, ai eles vão ouvir, se for vídeo eles vão assistir, se for musiquinha eles vão ouvir, ai a partir dai já tá as atividades todas no chão, a gente faz tipo um tapete de TNT pra eles identificarem, ai já ouviu a música ou a historinha e lá tá os pedaços daquilo que eles ouviram da historinha e ai eles vão tentar montar, mas com a nossa ajuda com a minha, as meninas começaram agora comigo, eu estava sozinha. Ai a gente vai lendo, e eles vão tentando achar e montar quando eles fazem a montagem ai por exemplo: com aquelas crianças que não sabem ainda nada, que poucas letras eles conhecem, ai a gente coloca as letras, ai eu

levo aquelas letras maiores né. Ai então assim, eles vão olhando a letra, ai na música por exemplo é vamos supor que eu cante aquela musiquinha “ o sapo não lava o pé” ai lá eu vou colocando as letras “o, s de sapo, não lava o pé” e ai vai tá lá as letras todinhas. Ai “o” que tá identificando o sapo, ai a letrinha O onde é que tá? Sapo inicia com que letra? Tá a figura sapo, e a palavrinha sapo entendeu? Ai vou falando né, até eles acertar, ai você identifica a palavrinha sapo que começa com a letrinha S, e onde é que tá o S? Só que aqueles que já sabem ler pulam e respondem, então a gente vai tentando trabalhar assim, e os que já sabem ler, a gente vai tentando trabalhar com que esses cinco porque eles só tão precisando de pontuação na leitura, eles estão ótimos, to lendo texto com eles, pra eles lerem, pra eles interpretarem, tanto oral quanto escrita enfim.

Pesquisadora: a senhora diferencia as atividades dependendo do avanço, do nível?

Professora: com certeza, é pelo nível prova, teste avaliativo, tudo é feito pelo nível, não tem mana como fazer assim tudo igual porque eles não acompanham, eles vão sempre ficando pra trás, olha inclusive a prova eu vou ter que fazer uns quatro tipos de prova, eu to ate pensando em fazer com os mais avançados no primeiro horário nove horas eles saem, pra entrar o outro que é pra eu dar uma atenção melhor, se não como é que eu vou avaliar e tentar ajudar na prova, sempre tem aquele espertinho que tenta colar, e acaba colando errado também.

Fonte: Pesquisa de Campo (Junho, 2023)

Conforme a professora menciona na entrevista os alunos do primeiro ano não frequentam a sala de leitura, logo Ana é quem desenvolve projetos voltados para a alfabetização. Seu planejamento consiste na seguinte rotina, na qual toda segunda-feira ela retira dois dias da semana nos primeiros horários para trabalhar somente a leitura, e no segundo horário já efetiva as atividades, averiguando o nível de assimilação de seus alunos.

Diante disso, a professora realiza com seus alunos “*A rodada de leitura*” a qual ocorre dentro da sala de aula, em um espaço confeccionado por Ana, conforme a imagem abaixo:

Figura 6 - Cantinho da Leitura



Fonte: Pesquisa de Campo, (Jan, 2023)

Sendo assim, as atividades ali desenvolvidas são diversificadas com livrinhos de leitura, plaquinhas, músicas, pois em todas as atividades são trabalhadas com foco no oral e o escrito, assim sendo a metodologia da professora é diversificada. Nesse sentido, há métodos que partem diretamente das relações fonema-letra. Há métodos que focalizam o gesto articulatório que são

pronunciadas as letras para chegar aos fonemas. Há métodos que partem das sílabas, ou de palavras para chegar aos fonemas e às letras que os representam. (SOARES 2020, p.286)

De acordo com Soares (2020) é necessário haver uma ação pedagógica bem estruturada, fundamentada nas concepções de aprendizagem referente a língua escrita, afim de alcançar o objetivo final, que segundo a autora é o alfabetizar, em outras palavras, nada mais é do que alfabetizar e simultaneamente letrar.

Partindo desse pressuposto, se é perceptível que ainda com o nível diferente de cada criança, e suas dificuldades em prol desse processo, a professora Ana redimensionou suas práticas, tentando desencadear e minimizar as dificuldades de seus alunos, adequando suas metodologias de acordo com o nível alfabético de cada um. Pois, de acordo com seu relato abaixo:

Com certeza, é pelo nível prova, teste avaliativo, tudo é feito pelo nível, não tem mana como fazer assim tudo igual porque eles não acompanham, eles vão sempre ficando pra trás, olha inclusive a prova eu vou ter que fazer uns quatro tipos de prova, eu to até pensando em fazer com os mais avançados no primeiro horário nove horas eles saem, pra entrar o outro que é pra eu dar uma atenção melhor, se não como é que eu vou avaliar e tentar ajudar na prova, sempre tem aquele espertinho que tenta colar, e acaba colando errado também. (Recorte do Diário de Campo, 2023)

Acerca do exposto acima, fica claro o quanto a professora leva em consideração as especificidades em relação ao nível de desenvolvimento de seus alunos, uma vez que, procura compreender através das reuniões com os pais, os motivos pelos quais as crianças voltaram com tamanha dificuldade, já que obtiveram uma escolarização sequencial, isto é, da educação infantil para o ensino fundamental. Dessa é necessário indagar: o porquê das crianças ingressarem no ensino fundamental com esse nível de dificuldade? Em vista disso, conforme a BNCC (2018) o ideal seria:

A progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente. Além desses aspectos relativos à aprendizagem e ao desenvolvimento, na elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas devem ainda ser consideradas medidas para assegurar aos alunos um percurso contínuo de aprendizagens entre as duas fases do Ensino Fundamental, de modo a promover uma maior integração entre elas. Afinal, essa transição se caracteriza por mudanças pedagógicas na estrutura educacional. (BRASIL, 2018, p.59)

Para tanto, como já dito anteriormente, a professora Ana leva em consideração as peculiaridades sociais, pessoais e culturais de seus alunos para que assim, elabore suas estratégias de ensino, entretanto, fica evidente o quanto a pandemia interferiu no processo de

ensino e aprendizagem dos alunos, que embora tenham estudado a educação infantil presencialmente, as dificuldades persistiram. Sendo que, para se obter êxito na alfabetização é imprescindível manter a sistematização do ensino que corrobora na escolarização, em outras palavras, o ensino é aquele que possibilita ao sujeito aprender nos mais diversificados âmbitos sociais, e a escolarização é um aspecto mais fundamentado com objetivos, metas afim de obter um resultado, isto é, a aprendizagem significativa do alunado.

Portanto, todo conhecimento humano está enraizado numa atividade, numa ação, num mundo real, e, se filogeneticamente a linguagem emerge das relações de trabalho e com ela a consciência ontogeneticamente, na sua aquisição pela criança, também é da atividade social, da interação da criança com os indivíduos e objetos que circundam que a linguagem tem lugar. (BRAGGIO, 1992, p.86)

Por conseguinte, a aquisição da linguagem progride por intermédio das relações sociais, a qual vai sofisticando a psique humana resultando nos paradigmas dialéticos que movem a sociedade. Dessa forma, o redimensionar de Ana comporta a dimensão social e cultural do sujeito, tendo em vista, que a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista (FREIRE, 1996, p, 24) um aspecto no qual faz toda a diferença na prática pedagógica, mas vale ressaltar que somente está ação não faz transformações significativas se a família, as políticas e demais áreas estiverem em uma constante consolidação sistêmica.

Assim sendo, fica claro que embora a professora Ana leve em consideração as especificidades do alunado, as dificuldades ainda persistem, em razão dos fatores externos que interferiram no desenvolvimento e avanço das crianças, que de acordo com a professora a greve municipal durou cerca de quatro meses, interferiu muito no processo sequencial da escolarização dos pequeninos, já que para se ter a notoriedade do quanto as crianças estão ou não evoluindo requer dois meses mantendo o ritmo de estímulos para a aquisição e avanços na alfabetizar.

Em síntese, todos esses acontecimentos prejudicam o alunado, e o trabalho do educador é duas vezes maior já que ao perder o ritmo sequencial do ensino é de fato prejudicial como bem foi explorado e demonstrado aos longos das análises, mais uma vez, comprovando que quando não há uma sistematização sequencial de escolarização, conseqüentemente o rendimento dos alunos diminui drasticamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve intuito analisar o redimensionar pedagógico mediante o processo de alfabetização pós-pandemia na escola Mariuadir Santos, buscando compreender as práticas pedagógicas da professora em relação a aquisição da leitura e escrita, levando em consideração, que os alunos perpassaram pelo contexto do isolamento social.

À vista disso, que a partir do isolamento, se refletiu em desafios em se tratando da educação em termos de alfabetização e letramento, uma vez que, estes processos estão interligados de forma intrínseca. Nesse sentido, para dar consistência nas análises dos dados, ao longo do referido trabalho utilizei autores que discorrem sobre as temáticas tanto da alfabetização, quanto da prática pedagógica.

Por conseguinte, diante dos resultados se torna nítido que o objetivo geral foi alcançado, em razão de que os desafios da professora são bem mais complexos, pois, vai desde, a elaboração dos materiais pedagógicos que antes da pandemia era um dos fatores mais dificultosos, se ampliando para o ensinar seus alunos a segurarem um lápis, reconhecer as vogais, aspectos nos quais a professora usou para redimensionar e dar novos sentidos em seus planejamentos ligados ao processo de aquisição da leitura e escrita.

Sendo assim, o primeiro objetivo específico foi compreender as relações do processo de ensinar e aprender do professor para como seus alunos que está bastante atrelada na ideia de que o aluno precisa se tornar alfabetizado, porém a questão que se deve refletir é: para a criança esse processo tem de fato um significado? Dessa forma, este aspecto foi alcançado, pois a educadora torna a aprendizagem significativa, rica e diversificada repleta da valorização dos aspectos culturais presentes no cotidiano da criança.

Contudo, os objetivos seguintes de identificar os redimensionar pedagógico, bem como, o desafio dessa prática pós-pandemia em relação a aquisição da linguagem foi atingido, sendo que, em meio aos desafios foi possível concernir o quão importante é o professor redimensionar, refletir acerca das melhorias voltadas para a sua prática pedagógica, levando em consideração o nível de desenvolvimento, e aprendizagem dos alunos. Pois, é possível dar novos sentidos para o alfaletar, já que é notório, que a apropriação do conhecimento é tratada como requisito fundamental para o desenvolvimento da linguagem, e como ferramenta imprescindível que contribui significativamente nesse processo a leitura.

Para tanto, o problema da pesquisa foi respondido, já que se identificou o quanto a pandemia ampliou as dificuldades dos alunos em termos de alfabetização, ademais se aprofundou a discussão a respeito das práticas pedagógicas do professor enquanto alfabetizador, sua forma de atuar perante esse processo sempre buscando estabelecer vínculos com o intuito de potencializar a linguagem para além dos conhecimentos prévios.

Tendo em vista, que a leitura e escrita são conceitos inacabados e que assim com as relações sociais também são resignificadas atrelado ao contexto subjetivo e coletivo dos indivíduos. Assim sendo, a cada experiência da leitura são novas reiteraões da linguagem sendo constituídas que conseqüentemente transformam o indivíduo e este o seu meio social, acerca disso é imprescindível que o sujeito tenha consciência da relevância que há no espectro do alfabetizar, o qual perpassa por diversificadas inter-relações sociais.

Em síntese, ao longo do respectivo trabalho se evidenciou que a metodologia da reiteração docente ligada a prática pedagógica no processo de alfabetização, embora haja didática, se identificou que a dificuldade de promover a leitura e a escrita necessita de uma sistematização educacional que vai além. Sendo assim, a educação para preceder com eficiência precisa ser articulada sistematicamente, não necessariamente parte só do professorado, mas as políticas voltadas para a educação devem proporcionar formações com amparo voltado para a alfabetização, uma vez que, esse é um dos assuntos mais discutidos, no qual sempre tem estudos sendo traçados com base para a melhoria afim de quebrar, em como compreender o paradigma do alto índice de analfabetismo.

Portanto, é imprescindível buscar inovações afim de minimizar as dificuldades que englobam a aquisição da leitura e escrita dos pequeninos, pois, traçar discussões a respeito desse impacto no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos/as é fundamental, uma vez que reflete não somente no agora, como também no futuro, na forma como o indivíduo ler interpreta o mundo.

7 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BARBOZA, Reginaldo, Alfabetização sob o ponto de vista histórico e metodológico, v.13, n. especial. P.14-21, jul/dez. 2016.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e Alfabetização: concepção mecanicista à sociopsicolinguística**- Porto Alegre: Artes Medicas, 1992.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular BNCC**. Brasília-DF, Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 5, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.** Brasília: DF, 2020 a. D.O.U. De 01/06/2020, Seção 1, Pág. 32. 2020 a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192^a. Acesso em: 20.Jun. 2023.

BOCK. Ana Maria, M; GONÇALVES. M. Graça. **Psicologia Sócio Histórica-** 3.ed – São Paulo: Cortez, 2007.

BORDENAVE, Juan Díaz, PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem.** 21^a ed. Rio de Janeiro; vozes, 2000.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 12^o ed. São Paulo, Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONTANA, Roseli; CRUZ; Maria Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1998.

FONSECA, Jamila, Almeida, SOUZA, Natália, Roberta. **A importância da literatura infantil nos anos iniciais do ensino fundamental.** ed. Conude, 2018.

GHIRALDELLI, Junior Paulo. **História da Educação Brasileira.** 3^o ed. São Paulo, Cortez, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5^o ed. Atlas, São Paulo, 2003.

LUDKE, Menga; Marli E. D. A. André. **Pesquisa em educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento:** Um processo sócio histórico. São Paulo: ed. Scipione; 2001.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vigotski.** a relevância do social. 6^o ed. São Paulo, Summus, 2015.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** na perspectiva social. 7^a. ed. São Paulo, 1989.

SOARES, Magda. **Alfabetizar:** toda criança pode aprender a ler e escrever- São Paulo: contexto 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 7^o ed. São Paulo, Contexto, 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura -** 6.ed. Porto Alegre; Artmed,1998.

UNICEF. **Relatório sobre os impactos da pandemia na aprendizagem das crianças.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/menos-da->

[metadedos-paises-esta-implementando-estrategias-em-escala-para-que-criancas-possam-recuperaraprendizagem-perdida-na-pandemia](#). Acesso em: 20 de Jun de 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: M. Fontes, 2000.

ANEXO 1 – GUIA DE ENTREVISTA

Entrevistas Realizadas em 2020, 2022 e 2023

Entrevista em 2020

Questionário da Pesquisa de Campo – Entrevista

1. Como é trabalhado a leitura e a escrita em sala de aula?
2. Como o professor faz o seu planejamento para trabalhar no cotidiano a leitura e a escrita?
3. Existem projetos de leitura literária desenvolvidos no ambiente escolar?
4. De que forma a escola trabalha para promover a alfabetização e o letramento dos alunos?
5. Quais são as dificuldades existentes no processo de alfabetização e letramento no âmbito escolar?

Entrevista em 2022

1. Na referida escola existem projetos de leitura?
2. Qual é a metodologia/didática que você mais utiliza para desenvolver as habilidades leitoras dos alunos?
3. Qual é o gênero literário que você mais utiliza em suas aulas?
4. Quais são as dificuldades mais pertinentes encontradas processo de alfabetização?
5. E durante a pandemia como ocorreu o ensino voltado para a alfabetização?

Entrevista em 2023

1. Qual a diferença entre o nível de desenvolvimento entre as crianças que não tiveram tanto esse contato do contexto escolar em 2020,2022 para quais já voltaram este ano 2023?
2. Quais forma as estratégias elaboradas para mediar o processo de alfabetização?

3. Quais são as justificativas dos pais em relação a não participação efetiva nesse processo da aprendizagem dos alunos?
4. Existem projetos na escola voltados para a leitura?

Anexos – 2 – Fotografias e Quadros

Lista de Fotografias

Figura 1 – Aluno socializando a história “ Por que tamanho não é documento? ”



Foto: Pesquisa de Campo (Maio, 2022)

Figura: 2 e 3 - Atividade desenvolvida por um aluno com dificuldade na escrita

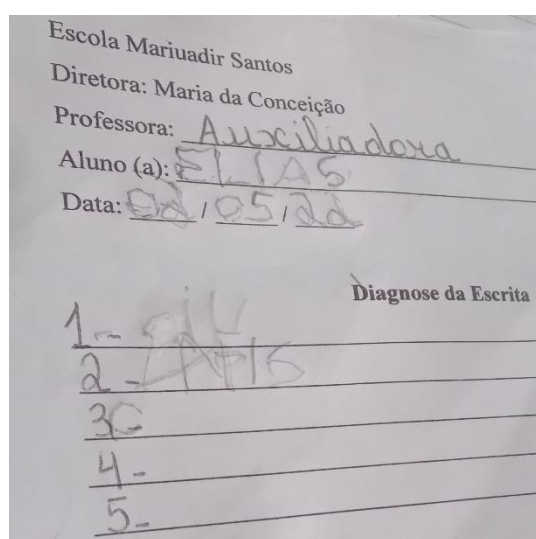
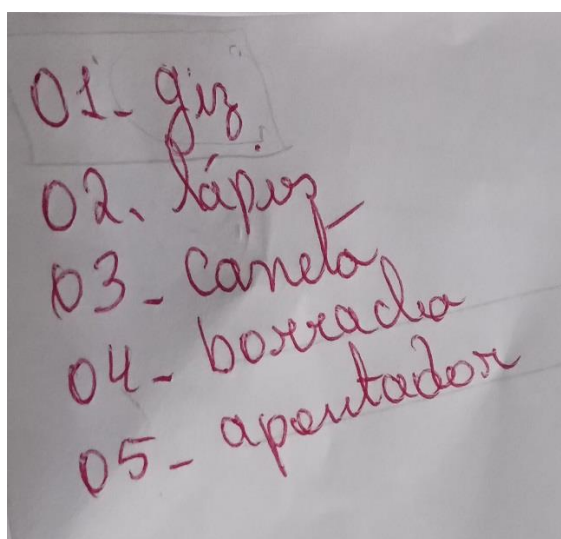


Foto: Pesquisa de Campo (Maio, 2022)

Figura 4- Aluna realizando separação de sílaba da palavra “Picolé”



Foto: Pesquisa de Campo (Agosto, 2022)

Figura 5 – Dinâmica do “Dia do nome” escrita dos alunos

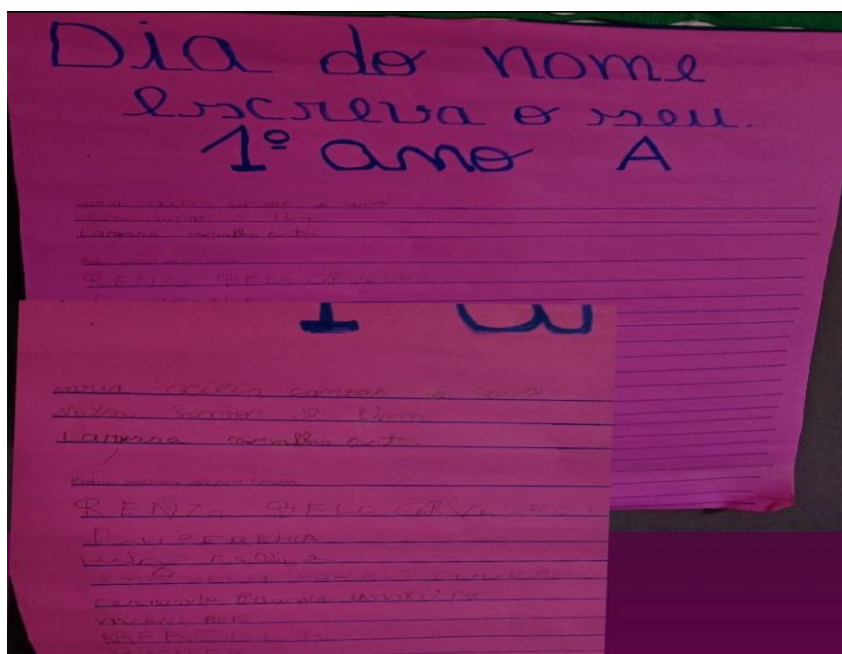


Foto: Pesquisa de Campo (Abril, 2022)

Figura 6 - Cantinho da Leitura



Fonte: Pesquisa de Campo, (Jan, 2023)

Lista de Quadros

Quadro 1- Diário de Campo

Dados de 2020
Olha mana as dificuldades é o material né porque a gente tem que confeccionar e com o nosso dinheiro porque ninguém dá pra gente é complicado, assim no início da matrícula os pais dão material E.V.A, papéis, folha de quarenta quilos, cartolina papel cartão e a gente vai confeccionando. A gente deveria ter um computador, mas não temos, Datashow tem um na escola, mas é pra todas as turmas, aí temos que agendar e reservar o dia em que cada professor quer usar ou fica complicado, temos a televisão e os alunos do 4ª ao 5ª ano são os que mais precisam desses vídeos, do Datashow. Então o 4ª ao 5ª ano precisam ser mais trabalhados.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2020

Quadro 2 – Diário de Campo

Dados de 2022
No primeiro ano como eles estão dois anos fora da sala de aula então nossa eles vieram esse ano mana praticamente estão sendo alfabetizados, quando eu iniciei em março eu tive que pegar na mão de algumas crianças porque não sabiam pegar um lápis, então no primeiro ano a dificuldade que a gente tem é essa é no nome deles que eles ainda têm, quando eles estão em aula na educação infantil tudo bem, eles já vinham praticamente sabendo o nome deles, mas agora com essa pandemia eles vieram sem saber fazer o nome, então é assim, como tem aquelas crianças que tem um nível melhor, que a família ajuda em casa e outros o nível é baixo a família não ajuda, eles não em condições de fazer um reforço fora, aí a gente precisa ter muito material pra tá trabalhando com eles essa questão da leitura e da escrita, e aí através disso é que a gente precisava de alguém mais pra dar um apoio pra gente na sala de aula porque são muitas crianças, mas nós não temos né, só quando a criança é especial, quando tem uma deficiência que ele tem o profissional de apoio. <i>Eu: Então a pandemia interferiu muito nesse processo? E esse foi um dos fatores que a senhora mais identificou?</i> Prof. Sim, com certeza identifiquei porque nossa! Todos os anos as crianças do primeiro ano eles já venham fazendo o nomezinho, já conhecem as letras, mas claro que tem criança que dependendo das limitações ainda não conhecem, mas esse ano as crianças vieram sem conhecer as vogais e eu to até agora nós já estamos em maio, findando maio tem criança que ainda não fixou que ainda conseguiu assimilar direito as vogais

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

Quadro 3 – Diário de Campo

Dados de 2023
Não é assim olha, ano passado eles voltaram de uma pandemia né? E aí o que é que eu percebi, que inclusive eu estava até conversando com a minha colega, eu disse assim: esse ano mana, eu peguei uma turma que tiveram aula ano passado praticamente o ano todo, praticamente não, tiveram aula o ano todo em 2022 e eles voltaram em um nível muito baixo, por exemplo: eu tenho crianças que eu tô fazendo pontilhado pra eles cobrirem primeiro ano, como se essa criança, não tivesse estudado ano passado, e ele estudou o ano passado o ano todo na educação infantil. Aí, aí eu fico assim, em relação aos que eu tive ano passado, que tiveram a pandemia em 2021 vieram muito melhor, as crianças do ano passado, eu recebi criança que já estava lendo, aí essa criança estudou a onde? Em casa com a família, ou a mãe, a família pagou um professor particular colocou dentro de casa ou mandou essa criança ir pra algum lugar estudar, entendeu? Mas eles vieram ano passado criança lendo.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Quadro 4 – Diário de Campo

“Eu tenho crianças que eu tô fazendo pontilhado pra eles cobrirem”.
“Em relação aos que eu tive ano passado que tiveram a pandemia em 2021 vieram muito melhor”.
“Eu recebi criança que já estava lendo, aí essa criança estudou a onde? Em casa com a família ou a mãe”.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Quadro 5 – Diário de Campo

Então eu já relatei tudinho, aquelas crianças que estão com dificuldades e precisam de uma ajuda na casa tanto da família ou eu não sei, de reforço porque as vezes a criança não aceita estudar com a mãe, e aí eles vão arrumar alguém, uma pessoa pra ensinar particular porque assim, agora que eles vão ser alfabetizados, é agora no primeiro ano, é o ciclo da alfabetização do primeiro ao terceiro né só que assim, devido eles não serem muito, são aquela criança que quer mais brincar, não é esforçada, que não tem muito esse hábito porque a família, quando a criança chega na casa a família não procura olhar o caderno, ver se levou uma atividade, as vezes eu cobro no grupo porquê do jeito como eu mando atividade pra fazer em casa volta, as vezes eles não trazem o caderno pra colar atividade, mando pra família colar na casa, e não cola volta do mesmo jeito na mochila. Então eu já chamei eles, já conversei e eles me prometeram que vão ajudar.
--

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Quadro 6 – Diário de Campo

Ficha da Leitura
Livro: Por que tamanho não é documento?
Autor: Renata
Como: foi a leitura Com minha família (x) ou sozinho (...)
O que você achou da história: Curti (x) não curtir ()
E os desenhos são legais: Sim (x) Mais ou Menos () ou Não ()
Registre por desenho a história que você leu: Desenho final

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

Quadro 7– Diário de Campo

Explicação da Professora
Professora: vocês têm que saber separar agora, para separar a sílaba vocês vão fazer isso aqui. “ga – to” e a palavra “picolé” Vocês falaram que tem quantas sílabas? Professora: “pi – co – lé” Alunos: “três”! Então bora lá separar a palavra “picolé”. E agora? Separem pra mim aí, é Larissa vem cá, separe aqui pra mim a palavra “picolé”.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

Quadro 8– Diário de Campo

Seu Dadá comeu Mapará, ficou barrigudo com cara de A Seu Dedé comeu Jacaré, ficou barrigudo com cara de E Seu Didi comeu Jabuti, ficou barrigudo com cara de I Seu Dodô comeu Mocotó, ficou barrigudo com cara de O Seu Dudu comeu Tatu, ficou barrigudo com cara de U
--

Fonte: Pesquisa de Campo (Abril, 2022)

Quadro 9– Diário de Campo

ESTRATEGIAS DE ALFABETIZAÇÃO EM 2023
Mana várias estratégias, esse ano eu estou com as meninas do PIBIC, e aí elas estão me ajudando muito, e assim as atividades é tudo diferenciado, de acordo com o nível. Essas cinco crianças eu tenho que trazer atividades pra elas assim bastante avançada, aí o que é que acontece, eu tive que preparar materiais de leituras, porque por exemplo: se eu for pra livros, ou por exemplo aqueles livrinhos de leitura ou o próprio livro didático deles, eles não dão conta. Aí o que é que eu tô fazendo, eu preparei umas cartelas de leitura, o alfabeto móvel, tem criança que não conhece Talia as vogais, eu não sei, eu fico me perguntando: meu Deus essa criança estudou o ano todo, ano passado na educação infantil, aí a mãe diz: aí professora porque lá eu sempre falava porque não conseguia, que fazia bagunça, e não conseguia aprender nada, aí assim então você tem que tá ali com o material, atividade e o alfabeto móvel pra ir mostrando pra eles pra ver se eles conseguem, eles estão assim, só não querem sair da bastão, da letra bastão, poucos conseguem a cursiva que eu costumo falar pra eles que é a letra da mãozinha, pra ver se eles conseguem assimilar. Então assim, são plaquinhas de leitura, é o vídeo, eu mostro pra eles vídeo, tem o alfabeto, tem as palavrinhas e tem o som das letras entendeu? Pra eles, mas estou com muita dificuldade, preciso muito desses materiais, e essas meninas do PIBIC elas ficaram de levar uns também que elas estão construindo, junto a coordenadora dela pra que elas possam também estar me ajudando a trabalhar com eles.

Fonte: Pesquisa de Campo (Junho, 2023)

Quadro 10– Diário de Campo

PROJETO DE LEITURA DA PROFESSORA
A gente vai criar dentro da nossa sala de aula, por exemplo: eu, to desde uns acho que uns quinze dias, vinte dias que nós começamos, iniciamos o ano letivo, nos primeiros dias eu logo comecei sondar e ver né, então aquelas crianças que estão nesse nível aí baixo, que não conhece as letras, aí eu comecei a fazer porque o meu dia de Língua Portuguesa é segunda-feira, só que eu não posso trabalhar só dia de segunda a leitura, o que é que eu fiz, eu tirei dois dias na semana dia de segunda-feira no primeiro horário é só leitura, o segundo horário que eu começo a aplicar as atividades então eu faço a rodada de leitura com eles, no cantinho de leitura, é feito um círculo, aí a gente pega vários livrinhos de historinhas, plaquinha de leitura, musiquinhas aí quer dizer a gente trabalha o oral e o escrito, aí eles vão ouvir, se for vídeo eles vão assistir, se for musiquinha eles vão ouvir, aí a partir daí já tá as atividades todas no chão, a gente faz tipo um tapete de TNT pra eles identificarem, aí já ouviu a música ou a historinha e lá tá os pedaços daquilo que eles ouviram da historinha e aí eles vão tentar montar, mas com a nossa ajuda com a minha, as meninas começaram agora comigo, eu estava sozinha. Aí a gente vai lendo, e eles vão tentando achar e montar quando eles fazem a montagem aí por exemplo: com aquelas crianças que não sabem ainda nada, que poucas letras eles conhecem, aí a gente coloca as letras, aí eu

levo aquelas letras maiores né. Ai então assim, eles vão olhando a letra, ai na música por exemplo é vamos supor que eu cante aquela musiquinha “ o sapo não lava o pé” ai lá eu vou colocando as letras “o, s de sapo, não lava o pé” e ai vai tá lá as letras todinhas. Ai “o” que tá identificando o sapo, ai a letrinha O onde é que tá? Sapo inicia com que letra? Tá a figura sapo, e a palavrinha sapo entendeu? Ai vou falando né, até eles acertar, ai você identifica a palavrinha sapo que começa com a letrinha S, e onde é que tá o S? Só que aqueles que já sabem ler pulam e respondem, então a gente vai tentando trabalhar assim, e os que já sabem ler, a gente vai tentando trabalhar com que esses cinco porque eles só tão precisando de pontuação na leitura, eles estão ótimos, to lendo texto com eles, pra eles lerem, pra eles interpretarem, tanto oral quanto escrita enfim.

Pesquisadora: a senhora diferencia as atividades dependendo do avanço, do nível?

Professora: com certeza, é pelo nível prova, teste avaliativo, tudo é feito pelo nível, não tem mana como fazer assim tudo igual porque eles não acompanham, eles vão sempre ficando pra trás, olha inclusive a prova eu vou ter que fazer uns quatro tipos de prova, eu to ate pensando em fazer com os mais avançados no primeiro horário nove horas eles saem, pra entrar o outro que é pra eu dar uma atenção melhor, se não como é que eu vou avaliar e tentar ajudar na prova, sempre tem aquele espertinho que tenta colar, e acaba colando errado também.

Fonte: Pesquisa de Campo (Junho, 2023)